



**FACULDADE DE ARQUITECTURA**  
UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA

**UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA - FACULDADE DE ARQUITECTURA**

## **ESPAÇO COMUM PARA A COVA DA MOURA**

**André Renato Madeira Antunes**

(Licenciado)

Projecto para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura

**Orientador Científico:**

Arquitecto Fernando Alberto Nunes Silva Bagulho

**Júri:**

Professor Associado, Doutor Carlos Manuel Silva Lameiro, Presidente

Arquitecta Maria Manuel Leite Godinho de Almeida, Vogal

Arquitecto Fernando Alberto Nunes Silva Bagulho, Vogal e Orientador

Lisboa, FAUTL, Dezembro de 2010



## **UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA - FACULDADE DE ARQUITECTURA**

Título da Dissertação: Espaço Comum para a Cova da Moura

Nome do Aluno: André Renato Madeira Antunes

Orientador: Arq. Fernando Alberto Nunes da Silva Bagulho, ESBAL 1970

Mestrado Integrado em Arquitectura

Data: Setembro de 2010

### **RESUMO**

A Cova da Moura, bairro de génese ilegal periférico a Lisboa, é vista com desconfiança pelos seus vizinhos e, apesar do trabalho das associações locais e dos seus méritos na inclusão social, educação e dinamização cultural, o bairro é pouco aberto para o exterior, tanto pelas diferenças sócio-culturais como pelos próprios limites físicos que o contêm.

Se o fenómeno de exclusão social está ligado ao espaço e ao acesso, reavaliar as barreiras espaciais e promover a acessibilidade e uma maior liberdade espacial pode ser o modo do planeamento contribuir para promover a integração social.

Procurar na história do urbanismo, através de utopias e realizações que incidem sobre a malha urbana dita orgânica, tradicional, atitudes com efeitos mais ou menos disruptivos no tecido social, e averiguar temas que permitam delinear uma estratégia para a reabilitação da Cova da Moura: a acupuntura urbana ou cirurgia conservativa, os programas públicos ou comunitários como potencial qualificador e dinamizador do bairro, o papel do espaço público enquanto local de encontro e as decisões de projecto que incentivam essa socialização.

Reconhecendo, claro, os limites da intervenção arquitectónica e adequando a informação ao contexto da Cova da Moura.

**Palavras chave:** Cova da Moura, exclusão espacial, acupuntura urbana, equipamento colectivo, espaço comum.



## **UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA - FACULDADE DE ARQUITECTURA**

Title: Common Space for Cova da Moura

### **ABSTRACT**

Cova da Moura, an illegally built neighbourhood peripheral to Lisbon, is seen with some mistrust by its neighbors and, despite the work developed by local associations and its merits in social inclusion, education and cultural activities, the neighbourhood has little connection to its surroundings whether due to socio-cultural differences or to its actual physical limits.

As the phenomenon of social exclusion relates to space and access, reevaluating spatial barriers and promoting an increased spatial freedom can be a way for townplanning to contribute to promote social integration.

As a background for the project I will search within the history of urbanism, through utopias and actual realizations that work with density and the models of organic patterns or traditional city, with more or less disruptive effects on the social fabric, and investigate themes that allow the development of a strategy for the rehabilitation of Cova da Moura: urban acupuncture or conservative surgery, public or communitarian programmes with potential to qualify and activate the neighbourhood, the role of public space as a place for encounters and the project decisions that encourage that interaction.

Recognizing nevertheless the natural limitations to the architect's intervention and contextualizing the information to Cova da Moura's reality.

**Key-words:** Cova da Moura, spatial exclusion, urban acupuncture, public equipment, common space.

## Índice

Introdução 3

Estado da Arte 5

Modelos Históricos 7

1. Intervenções na malha urbana existente 7

2. Caso de estudo: Cumbernauld 15

Temas para a Cova da Moura 19

1. Implantação, Acupunctura Urbana 19

2. Espaço Público, Espaço de Sociabilidade e a sua Configuração 21

3. Flexibilidade, Equipamento Público Polivalente 25

Conclusão 27

Bibliografia 29



# Introdução

A Cova da Moura é um bairro de génese ilegal periférico a Lisboa, com características e cultura próprias, que transpiram dos seus habitantes, maioritariamente cabo verdianos, mas também portugueses, angolanos, moçambicanos... A expressão desta cultura verifica-se não só nas pessoas, mas nas ruas, no comércio e, no limite, no ambiente construído. Contrasta brutalmente com os edifícios à volta, de bairros dormitório de construção comercial corrente dos anos 60 a 80 como tantos outros bairros suburbanos. Apesar da forte dinâmica associativa e das actividades que têm vindo a ser desenvolvidas no sentido de melhorar a vida dos seus habitantes, a Cova da Moura não deixa de parecer hostil ao visitante, entre outras razões pelos fortes limites do bairro, separado da envolvente por grandes vias, taludes ou muros. A imagem do bairro é, de um modo geral, negativa e associam-se-lhe problemas de criminalidade, tráfico de droga, degradação, etc.

Assim, qualquer projecto para o local põe em evidência o alcance social do trabalho do Arquitecto e pretende-se, então, com os instrumentos da Arquitectura e do Urbanismo potenciar a integração da população na cidade e, de um modo mais alargado, na sociedade. Pretende-se abordar o a ligação da exclusão social à exclusão espacial para daí inferir os limites e oportunidades para a intervenção do arquitecto e logo passar a recolher pistas na história do urbanismo, as abordagens teóricas ao desenho do espaço público como espaço de sociabilidade e casos particulares, estabelecendo sempre uma ligação com a realidade da Cova da Moura e as atitudes possíveis perante o bairro, as ameaças e as potencialidades. No fundo, recolher as bases teóricas para o desenvolvimento do trabalho prático, testando as bases para uma intervenção no âmbito da criação de uma rede de espaço público, ancorada em equipamento colectivo, multifuncional e que permita o intercâmbio entre moradores da Cova da Moura e pessoas de fora, trazendo eventos e actividades, que melhorem a imagem do bairro e o transformem num local produtivo e dinâmico, capaz de gerar emprego e competências e potenciar a criação de um pólo de expressão artística e cultural, apoiado na cultura que já lá se manifesta.

Arquitectonicamente, isto é possível com uma melhoria do ambiente construído ao nível do bairro, reabilitando a habitação e os espaços públicos chave, mas especialmente através do equipamento colectivo, regenerar o espaço público existente e desenhar novos espaços de permanência no exterior, criar e qualificar entradas no bairro de modo a promover uma maior porosidade, racionalizar percursos e usos do solo, com o maior respeito possível pelas relações de vizinhança existentes.

A questão da forma urbana toma particular relevância na Cova da Moura, já que o bairro apresenta aspectos decididamente urbanos e que encontram uma rotura no encosto com a envolvente, de edifícios implantados livremente, em banda, sem passeios, sem ruas e, no limite, sem carácter. Por contraste, a Cova da Moura possui uma estrutura urbana que responde à topografia, às pré-existências e às relações de vizinhança, e apesar de obedecer a algumas regras que limitam a apropriação das ruas pela construção, os espaços públicos resultam desqualificados, a par de muita da construção do Bairro.

Excluída a *tabula rasa* como hipótese de trabalho, faz sentido, então, trabalhar com modelos de densidade, teorias que pretendem actuar sobre o meio urbano e melhorá-lo, estruturá-lo, qualificá-lo. E, acima de tudo, modelos que explorem o espaço público e o envolvimento da população na vida da cidade. A insistência numa rede de espaço público qualificada recai na ideia de que a rua é o cenário natural do 'teatro social'.

Podemos encontrar na história do urbanismo algumas atitudes de intervenção em malhas urbanas pré-existentes e delas recolher pistas para a transformação da Cova da Moura. Da profunda reestruturação Haussmaniana de Paris e os planos megalómanos de Speer para Berlim, a abordagens que, por ideologia ou pelas vicissitudes, se revelaram mais sensíveis às malhas urbanas pré-existentes: de Camillo Sitte e, mais tarde, a visão sequencial da cidade de Kevin Lynch e de Gordon Cullen. Várias atitudes de intervenção na cidade, das mais invasivas às mais respeitadoras que permitem definir um campo de referência cultural para o projecto: trabalhar com praças, largos e ruas nas suas vertentes funcional e simbólica, enfim, a construção de um ambiente que sirva como digno cenário da vida dos moradores, como cidadãos e como comunidade.

Para além das questões da **forma urbana**, pretende-se também abordar o tema da **sustentabilidade** que se refere, neste contexto, ao impacto que um edifício tem no solo e nas redes de vizinhança, pretendendo-se com a menor intervenção possível, gerar o máximo efeito, numa atitude de 'acupunctura urbana'; perceber e reconhecer a importância simbólica do espaço público na construção da consciência cívica e comunitária e o impacto social do seu **desenho**, ou seja, como o projectar e com que objectivos; e explorar ainda o tema da **flexibilidade**. Enfim, a evolutividade dos edifícios, não só no seu tempo de vida como também no período do dia ou da semana, no sentido de acolher várias actividades, e de se manter aberto à comunidade, de resto, ao contrário dos equipamentos existentes, murados, que geram uma maior segregação e são incapazes de qualificar o espaço público. É um tema de pesquisa na medida em que é necessário preservar um equilíbrio entre abertura e segurança bem como entre flexibilidade, durabilidade e qualidade arquitectónica.

## Estado da Arte

*The question of social exclusion and integration, it can be argued, largely revolves around access. It is access to decision making, access to resources, and access to common narratives, which enable social integration. Many of these forms of access have clear spatial manifestations, as space is the site in which these different forms of access are made possible or denied. There is a direct relationship between our general sense of freedom and well-being with the choices open to us in our spatial practices. The more restricted our social options, the more restricted our spatial options, and the more excluded we feel or become.<sup>1</sup>*

Ali Madanipour defende que a exclusão social não se pode dissociar da exclusão espacial, e refere como exemplo o contraste entre um recluso, confinado às quatro paredes da sua cela e um executivo que viaja sem limites, galgando fronteiras.

Encontra três dimensões da exclusão social, a económica (recursos), política (tomada de decisões) e cultural (narrativas comuns). A nível económico, a maior dificuldade está no acesso ao emprego, no plano político destaca barreiras à participação como falta de mobilidade, insegurança, a falta de locais de reunião e responsabilidades domésticas como falta de ajuda no cuidado de crianças, e também a nível cultural, a dificuldade em construir narrativas comuns. E, com efeito, é possível eliminar parte destas barreiras através da acção de programas urbanos e arquitectónicos pertinentes.

No entanto, o trabalho desenvolvido por arquitectos e urbanistas entre populações de bairros carenciados tem tido dificuldade em produzir efeitos inclusivos. De facto, face à segregação social destacam-se duas atitudes, uma decorrente do pensamento modernista, que consistia em erradicar as diferenças espaciais entre cidadãos carenciados e os demais e outra, pós-moderna, que coloca o ênfase na diferença. Se a primeira atitude fere sensibilidades individuais e causa roturas do tecido social, a segunda estimula o tribalismo, isto é, uma atitude de desconfiança perante os cidadãos que não pertencem ao mesmo grupo social, e uma consequente fragmentação social.

A tentativa de eliminação de diferenças no ambiente construído e, em última análise, ao modo de habitar levou, em Portugal, ao aparecimento de inúmeros bairros de realojamento que raramente constituem respostas eficazes à exclusão social e que, melhoradas as condições de habitabilidade de populações que anteriormente viviam em bairros muito degradados, continua a não integrar estas populações na sociedade.

---

<sup>1</sup> MADANIPOUR, Ali, *Social Exclusion in European Cities - Processes, Experiences and Responses*, Stationery Office, London, 2000.

Os problemas destas intervenções estão sistematizados:

- *Construction of very large and dense neighbourhoods*
- *failure to supply other facilities in the neighbourhoods and their surrounding areas*
- *massive visual discontinuities between the new neighbourhoods and their surrounding areas*
- *architectural solutions which reinforce the stigmatisation of these spaces and their inhabitants*
- *rehousing people in the neighbourhoods before the building work is complete*
- *poor layout and maintenance of external spaces*
- *poor quality of building materials and fittings*
- *designing dwellings which did not fit with the living habits of their residents, making them difficult to use and identify with.*<sup>2</sup>

Enfim, estas grandes áreas de realojamento são vistas como locais de alienação, incapazes de ancorar e envolver os seus moradores, acabam por evidenciar a diferença da restante habitação na sua própria formalização e despertam insegurança e desconfiança no resto da população.

E o que é preciso hoje, ao contrário desta estratégia de habitação em massa, indiferente a quem se destina, defende Madanipour, é uma resposta pós-moderna que reconheça a diversidade, a multiplicidade de papéis que assumem as pessoas no decurso da sua vida quotidiana. Mas a melhor maneira de criar comunidades saudáveis, é trabalhar com as que já existem. Isto é, se uma comunidade tem os seus laços consolidados, não faz sentido transferi-la para um novo ambiente, por melhores que sejam as condições de salubridade do realojamento e por mais teorizados que estejam os conceitos usados por arquitectos e urbanistas na tentativa de criar um ambiente propício ao desenvolvimento de laços comunitários, a Unidade de Vizinhança, os percursos pedonais, o equipamento público e o mobiliário urbano.

Alerta ainda Madanipour que a simples melhoria do edificado tem pouco poder para potenciar, de facto, a integração da população.

Porém, basear as intervenções exclusivamente no trabalho dos agentes sociais com as pessoas não é eficaz, já que não combate os problemas que tornam o bairro inseguro ou pouco atractivo, e a melhoria do nível de vida dos moradores seria limitada pelo próprio ambiente físico.

---

<sup>2</sup> FREITAS, Maria João Lopes, *Mobilising Community Resources in Portugal*, in MADANIPOUR, Ali, *Social Exclusion in European Cities - Processes, Experiences and Responses*, Stationery Office, London, 2000.

# Modelos Históricos

## 1. Intervenções na malha urbana existente

‘Assegurar a tranquilidade pública pela criação de largas avenidas que deixarão circular não só o ar e a luz, mas as tropas. Deste modo, através de uma combinação perspicaz, torna-se o povo mais saudável e menos propenso à revolta.’ (Mémoires, Paris, 1890) <sup>3</sup>

São estes os princípios regentes das grandes remodelações de Paris no século XIX, às mãos de Napoleão III e segundo os planos do Barão Haussmann, no sentido de modernizar e sanear a malha medieval da cidade com 137 quilómetros de novos boulevards e avenidas ladeadas de árvores, quarteirões de habitação e fachadas regulares, ventilados por praças e jardins, saneado com o acesso universal aos sistemas de esgotos e de água canalizada. O plano levou a cabo uma profunda reestruturação e racionalização da rede viária da cidade, que varria o seu diâmetro com atravessamentos Norte-Sul e Este-Oeste, circundada por um Boulevard exterior, vestígio das muralhas que cercavam a cidade e que deixaram de cumprir a sua função, definindo, enfim, uma estrutura radioconcêntrica com o coração na L'Étoile. E, apesar da existência de planos prévios e intervenções no sentido de modernizar a malha de Paris, a sua verdadeira concretização só foi possível graças ao poder incontestado de um regime autoritário.

Mas não só do desejo de controlo das massas urbanas surgiu a reestruturação parisiense: para além de assegurar as condições de higiene e mobilidade de uma cidade que começava a mostrar-se sobrelotada, Haussmann pretendia transformar Paris numa verdadeira metrópole do seu tempo e veicular uma imagem do regime de Napoleão III e do seu poder através do esplendor da sua capital.

No século XIX, a pressão populacional sobre as cidades industriais, leva a grandes remodelações e operações de saneamento.

Viena constitui outro exemplo, cujas intervenções consistiam em dotar o centro de um anel viário sob a forma de um boulevard espaçoso, novos edifícios públicos e um sistema de avenidas amplas, praças e jardins. Porém aqui, estas operações acolheram fortes críticas de Camillo Sitte que acreditava que a cidade estava a perder qualidades em nome da sua modernização. Criticava, enfim, a sua rigidez e repetição. Camillo Sitte estudou sistematicamente várias cidades europeias em busca das características que o faziam sentir-se intuitivamente bem em certos lugares, e encontrou nas cidades da Antiguidade Clássica e nas praças irregulares das catedrais medievais a genuinidade que se vinha

---

<sup>3</sup> RODRIGUES, A. Jacinto, Urbanismo: Prática Social e Política, Limiar, Porto, 1976

perdendo com as demolições levadas a cabo pelos urbanistas seus contemporâneos. A abordagem de Sitte concentrava-se em troços de cidade, numa visão sequencial de espaços urbanos e percursos e não na cidade como um todo, uma rede. É, portanto, ainda no decorrer destas operações urbanas de grande escala que se erguem vozes em oposição. No entanto, o trabalho teórico de Sitte não conseguiu mudanças de atitude na prática e é entre as duas grandes guerras, isto é, quando se encontra já instituída a disciplina do Urbanismo, e os seus instrumentos dominados e estabilizados, que surge um Urbanismo Formal<sup>4</sup>, assente num vocabulário classicizante, que vai beber dos ensinamentos da cidade Barroca e das inovações técnicas do século XIX, mas não acrescenta novidade alguma. Um dos seus exemplos mais extremos é o plano para Berlim de Albert Speer, o arquitecto de Hitler, que pretendia transformar a cidade numa verdadeira capital para dez milhões de habitantes, rebaptizada de Germânia, a construir até 1950. A cidade seria o cenário monumental do triunfo da ideologia Nazi, com uma escala esmagadora, derrubando quarteirões inteiros para fazer passar uma avenida triunfal pontuada por uma enfadonha sucessão de edifícios públicos sobredimensionados, que ligava a estação ferroviária Norte à estação Sul, com o aeroporto de Tempelhof a Sudoeste - a única estrutura sobrevivente do plano e, de resto, um dos maiores edifícios do Mundo. Duas estruturas megalómanas pontuavam os extremos da Avenida, a Sul enquadrada por um Arco Triunfal e a Norte com uma gigantesca cúpula, ao lado da qual o Reichstag se encaixava timidamente para definir apenas parte de um dos lados da praça cerimonial.

Utilizando extensivamente um vocabulário de herança Barroca, da avenida, praça, quarteirão, alinhamentos, tanto os planos para a Paris de Haussmann como para a Germânia de Speer pretendem encontrar uma resposta eficaz aos problemas da cidade como um todo, mas também comunicar uma imagem que veiculasse os ideais dos respectivos regimes e, no caso de Speer, não só controlar as massas, mas subjugar-las totalmente ao poder do nazismo, perante a grandiosidade das suas concretizações. Os ensinamentos do período Barroco são relevantes neste contexto, pois é nesta altura que se desenvolve a ideia de espaço público como um palco, que ambicionava tornar a própria actividade de percorrer as ruas num espectáculo, através da sucessão de praças e largos, com cenas cuidadosamente arquitectadas, direccionando o olhar através de ruas-corredor alinhadas com pontos notáveis da composição urbana, monumentos, pontos de fuga para os quais os edifícios constituíam uma espécie de proscénio arquitectónico.

---

<sup>4</sup> LAMAS, José, *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, Fundação Calouste Gulbenkian - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Porto, 2007.

É também no período Barroco que se desenvolve a técnica e o gosto pela construção efémera, espectacular. Eram construídas estruturas temporárias para embelezar o percurso de uma qualquer marcha cerimonial, escondendo edifícios medievais, regulando cérceas, iludindo o visitante com perspectivas pintadas em *trompe l'oeil*, surpreendendo-o a cada curva, o que leva a importância da imagem da cidade a grandes extremos.

As ruas são a cena da vida quotidiana, mas especialmente a cena por onde se movem, cheios de pompa, os principais personagens: o clero a nobreza.

Com efeito, o urbanismo Barroco, nesta sua essência, foi a base de trabalho para várias correntes de pensamento subsequentes. O Movimento City Beautiful surge já no final do século XIX, no contexto específico das cidades Norte-Americanas e da sua economia liberal, com um crescimento acelerado e desregrado, e pretendia contrariar a proliferação de edifícios insípidos, cinzentos, desinspirados e a falta de cuidado no planeamento do espaço público. Assentam os seus ideais na busca universal da beleza, como condição para a felicidade humana. Mas o *City Beautiful* pretendia ser um movimento não pela beleza no seu sentido mais superficial, mas por uma dignificação das cidades e da vida urbana.

Focavam os seus defensores a sua atenção nos centros urbanos e os elementos que os qualificam, como os edifícios públicos, o paisagismo e o desenho do mobiliário urbano, mas também conscientes das necessidades práticas das cidades como o saneamento, a iluminação, a limpeza, a segurança e uma rede viária eficiente.

Se o movimento seu contemporâneo pela cidade jardim trabalhava com base na desagregação da própria cidade, e acabou por gerar zonas de características suburbanas, o *City Beautiful* propunha trabalhar com a densidade da cidade, introduzir-lhe ordem através de um sistema viário inteligente, uma rede de boulevards e parques para direccionar o crescimento das cidades. Foi, acima de tudo, um movimento de reforma de políticas urbanas com repercussões no planeamento local que levou os cidadãos a participar no processo de intervenção na cidade, pelo que a nível formal não desenvolve uma linguagem própria, embora adopte preferencialmente o vocabulário neoclassicista. As suas maiores contribuições são, para além dos sistemas de boulevards e parques, que constituíram grandes avanços na teoria do paisagismo, algumas urbanizações residenciais, mas acima de tudo, centros cívicos, que desenhavam o espaço privilegiado de cidadania.

Se tínhamos visto surgir reacções às intervenções higienistas de Haussmann ou ao urbanismo economicista da cidade Norte-Americana, surge com a banalização do vocabulário do urbanismo moderno, de grande rentabilidade económica, uma crítica à implantação livre, à especialização funcional, e enfim à Carta de Atenas, pelos trabalhos de Jane Jacobs, por exemplo, que defendia a mesma rua corredor que Le Corbusier desejava ‘matar’, o quarteirão e a multifuncionalidade como características que propiciam um maior envolvimento da comunidade na vida urbana e maior segurança dos bairros.

As formas urbanas tradicionais são vistas, neste período, numa nova perspectiva. Por exemplo, Gordon Cullen parece retomar as ideias de Sitte, desenhando e catalogando as experiências de se mover pela cidade, sequências de espaços públicos e as respectivas sensações de abertura e confinamento, perspectiva, surpresa, barreiras, verdes, etc. Defende que ‘temos que juntar, separar, dividir, ocultar, revelar, concentrar, diluir, prender, libertar, atrasar e acelerar.’<sup>5</sup> e pretende que o seu trabalho contribua para o levantamento da estrutura do mundo subjectivo, no sentido de usar os tipos de espaço identificados na cidade tradicional como catálogo, ou antes vocabulário, na construção de novos espaços públicos e assim contrapor a crescente monotonia suburbana do urbanismo moderno. A imagem da cidade, isto é, a percepção da forma urbana é também explorada de uma maneira sistemática por Kevin Lynch que a documenta com recurso a diagramas, mapeando percursos, pontos focais, limites, etc. No fundo, tentando sistematizar também noções subjectivas de cidade já que ‘todo o cidadão possui numerosas relações com algumas partes da sua cidade e a sua imagem está impregnada de memórias e significados.’<sup>6</sup> Quanto à concepção situacionista de cidade, apesar do seu carácter desafiador de todas as concepções anteriores, junta a sua voz contra o urbanismo modernista, da cidade funcionalmente segregada, assente no uso do transporte individual por automóvel. Isto é, contra os arranha-céus isolados no verde, mas pela concentração urbana, indispensável na criação de ligações; contra a separação de funções, e a favor de um Urbanismo Unitário, integrado, em que se dissolvem os limites público/privado, ou trabalho/lazer, prolongando a noção de ‘jogo’ para todo o ambiente humano; contra a submissão do urbanismo ao automóvel, mas pela descoberta de alternativas, menos impactantes e que permitissem uma maior interacção com o ambiente construído, total liberdade de movimentos, isto é, a ‘Deriva’, uma viagem passional fora da normalidade, através da rápida mudança de ambientes ou situações, de resto, uma pedra basilar da teoria situacionista.

---

<sup>5</sup> CULLEN, Gordon, *Paisagem Urbana*, Edições 70, Lisboa, 2008.

<sup>6</sup> LYNCH, Kevin, *A Imagem da Cidade*, Edições 70, Lisboa, 1999.

Algumas noções de urbanismo situacionista são chocantes como a destruição de todos os edifícios que não se enquadrassem na sua visão de sociedade, por exemplo, igrejas e cemitérios independentemente do seu valor patrimonial, ou mesmo o delírio que por volta dos anos oitenta estaríamos a voar em helicópteros-mochila, como alternativa ao automóvel, e até a proposta de uma rede espacial que permitisse o desenvolvimento vertical da cidade por camadas, com clusters mutáveis, e máxima flexibilidade e capacidade de criar situações ao género da *Ville Spatiale* de Yona Friedman<sup>7</sup>.

No entanto, a ideia de criar estímulos, focos de atracção, potenciar ligações e desenvolver uma relação de jogo com o ambiente urbano, através da sucessão de situações urbanas diversificadas, desafios ao transeunte, surpresas e pequenos sobressaltos, vem ressuscitar ideias da cidade barroca, e admite até que a cidade situacionista deveria atingir um nível de complexidade de uma cidade antiga.

As malhas ditas orgânicas nascem presumivelmente sem a intervenção do planeamento, mas sim da passagem do tempo, da forma do terreno e da vida quotidiana dos cidadãos<sup>8</sup>, e nesse sentido pode dizer-se que a malha urbana da Cova da Moura se relaciona mais com as malhas orgânicas de cidades medievais do que com o padrão de urbanização à sua volta de edifícios em banda, de implantação livre. O que não é sinónimo de ausência de regras: se nas cidades medievais existe uma Rua Direita (ou Rua Directa, na origem), na Cova da Moura existe uma Rua Principal, central ao bairro e que o percorre de uma ponta a outra. É nas ruas de nível que podemos verificar uma maior incidência de comércio e actividades, por ser mais confortável para os percursos pedonais. A própria dimensão das ruas foi regularizada pela Associação de Moradores no sentido de permitir o trânsito automóvel. E estas regras simples, quase intuitivas, deram origem a um padrão urbano rico e adaptado à topografia e aos moradores.

Não se pode confundir, no entanto, a qualidade do edificado da Cova da Moura à de um bairro como Alfama, mas há a decorrer programas de incentivo ao melhoramento das habitações, enquanto o espaço público continua, regra geral, desqualificado por inacção do poder local.

Das intervenções utópicas às concretizadas, das mais invasivas às mais respeitadoras, pretende-se retirar lições dos movimentos referidos, numa abordagem à Cova da Moura e à sua malha urbana, que permita encontrar um compromisso entre o respeito pela sua

---

<sup>7</sup> FRIEDMAN, Yona, *Pro Domo*, Actar, Barcelona, 2006.

<sup>8</sup> KOSTOFF, Spiro, *The City Shaped*, Thames and Hudson, London, 1991.

identidade e manutenção dos laços de proximidade existentes e a criação, no bairro, de condições dignas de acesso, higiene e segurança.

mais ainda, partindo das ideias de Kevin Lynch pode-se fazer uma análise da Cova da Moura e dos seus limites, símbolos e centralidades e procurar no trabalho de Gordon Cullen uma leitura dos percursos pelo bairro.

Os limites da Cova da Moura estão bem definidos e os acessos ao interior do bairro, mais do que prolongarem os percursos urbanos, constituem um corte com a realidade envolvente e mesmo um posto fronteiriço sujeito a controlo prévio de entrada. Faz, assim, sentido promover a continuidade dos percursos urbanos até ao interior da Cova da Moura e sugerir-lhe uma estrutura de ruas.

A infra-estrutura que circunda a Cova da Moura, o IC19 e a Avenida da República contribuem grandemente para o isolamento do bairro, pela sua dimensão e intransponibilidade. Se a intervenção numa via de comunicação de grande escala como o IC19 seria desajustada, a Avenida da República apresenta potencial como percurso urbano sendo que o tráfego que escoia dificilmente justifica as suas quatro faixas de circulação. A par do seu reperfilamento com passeios mais generosos e arborização, urge qualificar o comércio que se desenvolve ao longo destes passeios, definir um alçado tanto do lado da Cova da Moura como do que se lhe opõe.

Outro tipo de limites como os muros impostos pelos edifícios institucionais não contribuem para qualificar os percursos que os ladeiam. Exemplo disto é a Santa Casa da Misericórdia que ergue um muro justificado por questões de segurança e privacidade mas falha na tarefa de definir as ruas adjacentes como percursos qualificados e vividos, e mesmo o espaço interior aos muros serve pouco mais do que para oferecer lugares de estacionamento. Na rua 8 de Dezembro, já um pólo de atracção nocturna, o estacionamento é desregrado e o percurso ao longo do muro, desqualificado. Do mesmo modo, a escola primária, no centro do bairro, fecha-se sobre si mesma, no interior de um quarteirão e, onde faz fronteira com a rua, não chega a qualificá-la.

Conclui-se também, que uma intervenção para a Cova da Moura não se poderia restringir aos seus limites, senão alastrar-se pela Buraca e pela Damaia, já que a envolvente tem um papel na segregação da Cova da Moura. Os edifícios que aí se constroem raramente criam ruas percorriáveis ou qualquer tipo de actividade que contribua para a zona para além do carácter de dormitório. Pelo contrário implantam-se indiscriminadamente na topografia, deixando taludes e vazios entre si e entre as vias de comunicação, viram-se de costas para os peões, afastam-se deles cautelosamente.

Do conjunto de ideias abordadas extrai-se a ideia de estímulos no percurso urbano, no fundo, tornar os percursos que se adentram pela Cova da Moura atractivos para o transeunte curioso, criando surpresas visuais que encoragem a visita aos núcleos propostos. Construir marcos na paisagem que vão para além da monumentalidade mas que enriqueçam, eles próprios, os percursos e espaços públicos onde se inserem, desenhando praças, largos, passagens, terraços e providenciando locais para sentar, sombra, abrigo, relação com a paisagem... Introduzir programas relevantes na Cova da Moura e fazer destes os espaços de troca e de sociabilidade para o bairro e os seus vizinhos.



## 2. Caso de estudo: Cumbernauld

As New Towns surgiram como um plano de resposta à escassez de habitação nas grandes cidades do Reino Unido que, depois da segunda guerra mundial e dos bombardeamentos de que foram alvo, não dispunham de condições para alojar a população.

O governo trabalhista da época promoveu a construção de novas escolas e novas cidades através do *New schools Act* de 1944 e do *New Towns Act* de 1946. Surgiu assim uma oportunidade de reflectir sobre arquitectura e urbanismo de um modo privilegiado.

As New Towns surgiam de decisões políticas e, apesar de se situarem relativamente perto dos grandes centros urbanos, pretendia-se que funcionassem o mais independentemente possível, com o seu próprio tecido industrial e empresarial, o seu centro, as suas instituições. Gozavam de alguma independência administrativa e eram geridas por conselhos de desenvolvimento, organismos criados aquando da criação da figura das New Towns. Assim se constituiu Cumbernauld, New Town em 1956 para aliviar Glasgow do excesso populacional, junto a uma povoação com esse nome, existente desde a Idade Média.

Muitas New Towns tornaram-se campos de experimentação urbana. Construídas de raiz ofereciam uma possibilidade de testar as mais variadas teorias e abordagens à criação de cidade. Uma parte assenta no modelo de Cidade Jardim de Letchworth (1909), outra nos modelos da carta de Atenas com separação do trânsito pedonal e viário, a implantação livre dos edifícios, etc.

Cumbernauld é, em parte, uma realização da utopia modernista, com um grande número de passagens aéreas, túneis pedonais e viadutos construídos.

Mas não só o planeamento de cidades, também a construção de escolas e de outros edifícios públicos, no seguimento das políticas referidas, se tornou um campo de experimentação para teorias e linguagens de arquitectura como o Novo Brutalismo, demonstrado nos trabalhos de Alison e Peter Smithson, que exploram a articulação expressiva dos elementos mecânicos e estruturais e a verdade dos materiais com o betão aparente a dominar o seu vocabulário.

É neste contexto que surge o Town Centre de Cumbernauld, que lança também as bases de reflexão para a execução de moimentos e projectos posteriores como o grupo Archigram ou o exemplo do Centro Pompidou por Piano e Rogers. O Centro de Cumbernauld foi premiado como 'a mais significativa contribuição para a arte e ciência do design urbano no mundo ocidental' pelo RS Reynolds Memorial Award for Community Architecture.

E é a abordagem ao centro da cidade o verdadeiro caso de estudo para este trabalho, uma mega-estrutura atípica construída entre 1961-69 que pretendia concentrar em si todas as funções de qualquer tradicional centro de cidade. O arquitecto Geoffrey Copcutt, fazendo eco da ideia de 'Máquina de habitar', propunha uma espécie de máquina de cidade, estrutura única que, como uma cidadela se erguia da linha de festo e alastrando-se pela encosta sul, com 800 metros de comprimento por 180 de largura e até 8 andares de altura. Acolhe por baixo do seu corpo uma linha de caminho de ferro, com um terminal rodoviário, as principais vias de comunicação e estacionamento. O seu programa inclui centro comercial, o maior da Escócia à época, na secção Este auditórios, pistas de bowling, pistas de dança, cafés e jardins. No centro, uma galeria multi-usos, para conferências, concertos e reuniões e que pode também acolher exposições. Mas o programa previa-se mais extenso com creches, biblioteca, clube social, organizações locais e de segurança social, praças e hotéis em complemento ao programa de habitação e escritórios nos andares superiores, com os seus próprios jardins e pátios.

Pretendia-se flexível, o suficiente, para acolher mudança e a participação dos seus utilizadores, um pouco a ideia por trás dos projectos de Cedric Price para o 'Fun Palace' ou a 'Phun City'<sup>9</sup>, descrita como uma máquina socialmente interactiva, que integrava conceitos de permutabilidade tecnológica com participação social, na qual os cidadãos se podiam entreter e educar, criando os seus próprios ambientes.

Porém, se no início era um exemplo visitado e admirado por arquitectos e arrecadou alguns prémios e críticas favoráveis, o centro de Cumbernauld não é um caso de sucesso: apenas algumas das fases previstas foram construídas, das quais já algumas foram demolidas e outras sofreram remodelações. Visto como um produto da sua época tanto na imagem como na função, o centro de Cumbernauld tem sofrido grandes reestruturações que desrespeitam e desvirtuam o conceito original, em função de lógicas de mercado e da psicologia comercial contemporânea.

Degradado pela falta de massa crítica no centro de Cumbernauld, pelas condições ambientais da própria cidade, aspecto pouco convidativo, e pela crítica populista (foi eleito o edifício mais feio do Reino Unido por duas vezes), o Town Center de Geoffrey Copcutt é um modelo que começa a ser re-observado e de novo apreciado e estudado.<sup>10</sup>

---

<sup>9</sup> PRICE, Cedric, *The Square Book*, Wiley-Academy, Londres, 2003.

<sup>10</sup> ABLEY, Ian (Ed.) *Architectural Design Jan. 2006 - Modular Manmade Structures*, MURRAY, Gordon *Appreciating Cumbernauld* (pp 86-89).

Relativamente à Cova da Moura, que alberga já alguns espaços de instituições e associações, o exemplo de Cumbernauld vai para além da sua formalização brutalista e torna-se relevante como exemplo de densificação funcional, no sentido em que as estruturas institucionais da Cova da Moura beneficiariam de uma aglomeração de funções no âmbito da sua colaboração com as associações locais. Hoje, se uns desses núcleos são bem sucedidos e movimentados, outros fecham-se dentro de muros mas deveriam, em conjunto, ser pólos de actividade e atracção, reunindo esforços de integração em conjunto e o espaço que as contém constituiria uma oferta à cidade, de espaço público e arquitectura relevantes. Assim, a Associação Desportiva formaria um desses núcleos em conjunto com a escola primária e o Moinho da Juventude com a Santa Casa da Misericórdia.

Um dos espaços com maior potencial de regeneração é a encosta nordeste, hoje com habitação muito degradada e vazios decorrentes de demolições. É um ponto-chave para a intervenção na medida em que participa da frente do bairro para a Avenida da República e constitui um ponto de acesso e subida, culminando num largo sub-aproveitado. É também aqui que se situa o centro paroquial e a sua creche, neste momento a funcionar em instalações precárias. A estratégia para esta zona seria semelhante aos outros dois pontos-chave: densificar as suas funções, acolhendo neste caso, uma escola de música, segundo a proposta do músico Ivan Lins e preparar os espaços públicos adjacentes para a realização de festivais e espectáculos, segundo as aspirações dos próprios residentes.

A densificação destas estruturas torna-se um tema de trabalho interessante, agrupando-as, adicionando-lhes funções e construção e ancorando-lhes uma zona de influência ao nível do espaço público, qualificando-o. Sem esquecer que a sua formalização arquitectónica tem um papel no sucesso e na imagem que passa do bairro e das suas actividades.



# Temas para a Cova da Moura

## 1. Implantação, Acupuntura Urbana

*In the past, this spatiality of social exclusion had led to attempts to dismantle [...] pockets of deprivation without necessarily dismantling the causes of deprivation or the forces bringing them together in particular enclaves. The dismantling of spatial concentrations of deprivation has been a continuous trend: from Baron Haussmann's wide boulevards in the middle of poor neighbourhoods in the nineteenth century, to the slum clearance programmes and more subtle forms of housing management in the twentieth century. These have been attempts to de-spatialise social exclusion, which is evidence of its inherent and re-emerging spatiality.*<sup>11</sup>

Uma atitude alternativa perante bairros degradados consiste na melhoria do ambiente construído, na construção de infra-estruturas sociais para usufruto da comunidade e para a sua abertura ao resto da cidade.

Podemos tomar como referência o programa de pequenas melhorias urbanas que é o projecto favela-bairro de uma equipa liderada pelo arquitecto argentino Jorge Jáuregui<sup>12</sup>. O programa propõe-se a melhorar as condições de vida das populações estruturando o espaço público, qualificando os vazios com intervenções simples que vão da pavimentação da rua, à instalação de guardas em ribanceiras, plantação de árvores, construção de escadas, muros de suporte e mobiliário urbano. Exemplo disto é uma de várias intervenções na Rocinha, esta em ruas movimentadas, anteriormente inseguras, sujas e desordenadas, e que agora contam com guardas, assentos, pavimento, mobiliário urbano e arborização, que geram permanência e fazem prosperar os negócios à sua volta, definindo uma rua comercial, vivida e segura, cujo efeito alastra para além dos seus limites. Nestes casos, a equipa de projecto trabalha em estreita colaboração com a população no sentido de aferir as suas necessidades e aspirações e desenvolve espaços e edifícios públicos de que os moradores se orgulham, como campos de futebol, sambódromos, centros sociais. No entanto, esta atitude está já no início do século XX teorizada por Patrick Geddes, que desenvolve uma abordagem à questão da degradada habitação operária nas ilhas britânicas e acaba por aplicar, num projecto para Balrampur na Índia, os princípios de 'cirurgia conservativa' que havia desenvolvido. Ou seja, conservando o espírito e a imagem do bairro de origem espontânea e crescimento sedimentado, mas melhorando a circulação de trânsito

---

<sup>11</sup> MADANIPOUR, Ali, *Public and Private Spaces of the City*, Routledge, Londres e Nova Iorque, 2003.

<sup>12</sup> MACHADO, Rodolfo (Ed.), *The Favela-Bairro Project: Jorge Mário Jáuregui Architects*, Harvard University Graduate School of Design, Massachusetts, 2003.

e as questões de higiene. Na sua proposta conseguia-o demolindo um mínimo de casas, o que permitia manter as relações de vizinhança existentes. A eficaz circulação automóvel não é o objectivo principal, mas a qualificação do espaço público, dotando as ruas de sombra e lugares de encontro e estada, desenhando parques, pequenos jardins, largos e pátios, dignificando edifícios notáveis e o espaço que os envolve, em intervenções contidas, claras e direccionadas.

Estas estratégias pressupõem um contacto alargado com a população e um estudo intensivo do local. Geddes defendia o estudo aprofundado da geologia, geografia, economia, história e das instituições locais antes de qualquer acto de planeamento, um diagnóstico preciso antes da cirurgia.

Mais recentemente, o termo 'Acupuntura Urbana' tem sido associado ao trabalho desenvolvido pelo anterior Prefeito de Curitiba, Jaime Lerner, que desde os anos oitenta tem desenvolvido esforços para transformar a cidade de três milhões de habitantes numa cidade sustentável e equilibrada, não somente ambiental como socialmente. Defende a implementação de medidas simples mas estratégicas e justifica a criatividade das suas medidas com a falta de verbas. Como urbanista, defende a adaptabilidade e plurifuncionalidade da cidade como promotores da sustentabilidade e boa coexistência. É também importante a rapidez das decisões e a sua aplicabilidade directa num meio em mutação permanente como a cidade e introduz ainda o tema de 'usos intermédios' isto é, em contextos de mudança constante, a capacidade de modificar o uso de um determinado espaço, edifício ou infra-estrutura com investimentos contidos.

Relativamente à Cova da Moura, o trabalho de diagnóstico foi desenvolvido pelo IHRU, num documento elaborado por uma equipa multidisciplinar com contacto intensivo com a população, e dele constam informações sobre a história do lugar, as instituições do bairro, os pontos de vista de e para a Cova da Moura bem como o seu relacionamento com a envolvente, o mapeamento das actividades económicas e das redes de percursos, as características da população e dos edifícios, num documento de grande relevância para este trabalho, que permite uma compreensão universal do bairro. O LNEC tem ainda uma análise extensiva sobre o ambiente construído da Cova da Moura, mapeando edifícios degradados ou devolutos, com a maior urgência de intervenção, o que ajuda a definir os pólos de maior prioridade na regeneração do bairro.

## 2. Espaço Público, Espaço de Sociabilidade e a sua Configuração

O espaço público é o espaço da sociabilidade, do encontro com os outros, com vários graus de abertura pública e que serve todo o tipo de propósitos funcionais e simbólicos.

Ali Madanipour classifica e analisa uma gradação do privado ao público<sup>13</sup>, desde o espaço pessoal do corpo ao espaço impessoal da cidade, passando pelo espaço exclusivo da propriedade, espaço íntimo da casa, espaço interpessoal de sociabilidade, espaço comunal do bairro e os espaços institucionais. No que se refere à comunidade questiona se a Arquitectura tem algum papel no tecido social e refere a largamente experimentada Unidade de Vizinhança que pretendia teorizar uma receita urbanística para fazer comunidades, centralizadas em equipamentos e espaços comuns e dimensionada através de uma escala de distâncias caminháveis. Nas comunidades criadas a partir do vazio e sem uma rede social pré-existente, o urbanismo tem um papel limitado no que respeita a desenvolver laços sociais coesos.

As comunidades onde se pode viver, trabalhar e desenvolver actividades lúdicas e culturais são um exemplo de sustentabilidade ambiental numa época em que se procuram alternativas à dependência do transporte individual e à consequente dependência dos combustíveis fósseis. Facilitam também a gestão por parte do poder central e outra das suas vantagens centra-se na possibilidade da construção de uma identidade comum como contraponto ao anonimato urbano, mas a subdivisão da cidade pode causar uma ainda maior fragmentação social na medida em que opõe um grupo culturalmente coeso e homogéneo (*nós*) a todos os demais cidadãos (*eles*). Ao criar um prolongamento das salas de estar para a rua, o habitante do bairro sente-se em casa, mas o visitante sente-se um forasteiro. A abordagem do micro-urbanismo ou planeamento por bairros, no qual é central a definição clara e diferenciada de centro e limites, acaba por exacerbar esse sentimento de fragmentação do tecido urbano com uma excessiva atenção às necessidades e cultura específicas dos moradores.

Não obstante, o espaço público é uma plataforma para relações sociais, e o seu planeamento cuidado pode, não criar comunidades coesas por si só, mas contribuir como suporte, ainda que limitado, do desenvolvimento de relações entre indivíduos.

Se podemos concluir que o espaço público é o espaço da expressão da cidadania, falta perceber qual o papel da sua forma, do modo como é desenhado e, consequentemente, de quem o desenha. Esta questão é relevante, já que, como fronteira entre público e privado, o

---

<sup>13</sup> MADANIPOUR, Ali, *Public and Private Spaces of the City*, Routledge, Londres e Nova Iorque, 2003.

espaço público encerra uma função simbólica, cerimonial, molda comportamentos, controla o acesso e acolhe e gere diferentes grupos sociais.

O sucesso de certos espaços públicos foi estudado por um sociólogo norte americano, William Whyte, que, a partir de observações vídeo da vida de praças e jardins seleccionados em Nova Iorque, pôde verificar ou contestar certas hipóteses e suposições de partida, que se baseavam no senso comum, em noções aceites sobre o que torna um espaço público ocupado e vivido.

O número de pessoas nos espaços estudados não está directamente relacionado, como se esperava, com a forma ou a sua dimensão total. De facto surgiram elementos surpreendentes como a relação de número de utilizadores com o número de lugares disponíveis para se sentarem, o que o autor chama de *sittable space* e que inclui lancis, escadas, muretes, ou o próprio soco ou embasamento dos edifícios. Assim, os espaços que, mesmo sendo pequenos, apresentavam várias opções para as pessoas se sentarem, acabavam por ter maior ocupação que espaços com mais área, mas com escadarias que não estão dimensionadas para constituírem assentos confortáveis, lambris que apresentam obstáculos à sua ocupação, muretes cujas guardas magoam as costas de quem se tenta sentar, ou simplesmente bancos mal dimensionados.

Mas se a quantidade de assentos disponíveis, uma boa arborização ou o uso de jogos de água podem atrair e agarrar pessoas a um certo espaço público, a sua localização é de extrema importância visto que não pode ser modificada posteriormente, ao contrário dos elementos acima referidos. Deverá, segundo o estudo, ser central aos utilizadores a que se destina, e ter uma relação directa com a rua, pelo menos visualmente. De resto, os sítios que apresentam maior ocupação estão, regra geral, juntos à rua, onde quem se senta pode ver quem passa. A transição entre estes espaços deve ser suave:

*A good space beckons people in, and the progression from the street to interior is critical in this respect. Ideally, the transition should be such that it's hard to tell where one ends and the other begins. You shouldn't have to make a considered decision to enter; it should be almost instinctive...*<sup>14</sup>

Se projectar o espaço público implica desenhar a fronteira entre o privado e o comum, esta pode assumir uma forma mais porosa e assim promover a interacção e comunicação entre as duas realidades, ao mesmo tempo protegendo a privacidade no interior e assegurando o acesso público do espaço exterior. Arcadas, pérgolas, pórticos, alpendres e pátios são alguns elementos arquitectónicos que permitem estas transições.

---

<sup>14</sup> WHYTE, William, *City: Rediscovering the Center*, University of Pennsylvania Press, Philadelphia, 2009.

No seu trabalho, também Herman Hertzberger explora os instrumentos arquitectónicos que permitem a apropriação humana dos edifícios. Uma vez mais, refere os assentos e relembra que as pessoas se sentam muitas vezes em locais que o arquitecto não projectou para esse efeito. Porém, o acto de projectar pode incluir convites discretos à apropriação pelos seus utilizadores, mais do que sugestões explícitas. E, com efeito, desenha nos seus edifícios guardas onde as pessoas se podem sentar, encostar, pousar objectos e defende que estas opções de projecto não custam mais a desenhar ou a construir. As transições são outro tema explorado na sua arquitectura, alvo de um desenho cuidado, definindo cantos, nichos, transparências e, no fundo, várias camadas que fazem destes espaços de transição porosos e facilmente apropriáveis e identificáveis. De novo, com recurso a não mais que o vocabulário arquitectónico do degrau, da guarda, do pé-direito, da coluna.

Na Cova da Moura, a rua é parte essencial da sua vivacidade, e a maioria das casas tem acesso directo à rua, muitas vezes assentando um degrau directamente sobre o alcatrão. Serve esse degrau quem nele se queira sentar e ver os demais passar, serve de âncora ao morador, a sua apropriação do espaço colectivo, a ligação ao que é de todos. Talvez daí o sentimento de estranheza quando um visitante percorre as ruas do bairro, como se entrasse nas salas de estar dos habitantes, a privacidade das quais, os moradores querem proteger. É aí que urge a intervenção pública, no sentido de contribuir para um ambiente confortável aos moradores, com o qual se identifiquem mas, ao mesmo tempo, convidando estranhos a usufruir em pleno direito do bairro enquanto domínio público. Porém, o Estado e o Poder Local têm tido um papel pouco relevante na Cova da Moura, e as suas realizações vão pouco além da dotação de infra-estruturas. A construção dos espaços e equipamentos públicos serviria para conferir uma certa neutralidade quanto à propriedade do espaço público e combater o sentimento de orfandade da Cova da Moura face a uma entidade colectiva maior, a Cidade, o Estado, o País e estabelecer laços com o resto da população. Assim, dever-se-ia combater barreiras como os muros da Santa Casa da Misericórdia ou as quatro faixas da Avenida da República e, mais do que dotar o bairro de um centro exclusivo, localizar também na periferia algum do equipamento colectivo, promovendo novos pontos de entrada no Bairro e trocas com a envolvente.

O desenho destes espaços e não apenas a sua localização é de grande importância já que a Cova da Moura e a sua envolvente carecem de espaço público qualificado, arborização e mobiliário urbano que convidem à permanência ou edifícios e espaços que sirvam de referência ao bairro.



### 3. Flexibilidade, Equipamento Público Polivalente

A especificidade funcional está associada a um desperdício de recursos e de oportunidades, ambos escassos em contextos de degradação económica. Os espaços projectados especificamente para uma tarefa, desempenham-na com eficácia mas permanecem vazios durante a maior parte do tempo. Herman Hertzberger critica a obsessão do funcionalismo em derivar a forma arquitectónica como expressão da eficiência funcional, que resultava mais na fragmentação do que na integração de funções, isto é, acabava por tornar o edifício menos funcional e menos resistente à passagem do tempo. Mas critica também a promessa vã dos edifícios multifuncionais que, apesar de poderem desempenhar várias funções, não oferecem verdadeiramente soluções para as necessidades específicas de cada uma. Mais do que isso, a resposta ao desafio da flexibilidade é, muitas vezes, despojar os espaços de qualquer carácter e interesse arquitectónico, tornando-os uma espécie de caixote, uma estrutura pouco qualificada à espera de ser preenchida com significado. Ambas as atitudes são, no fundo, pouco resistentes à passagem do tempo, quer pela ameaça da obsolescência quer pela ameaça da efemeridade.

A resposta estaria numa flexibilidade emanante da própria essência do espaço, em que a forma é inerentemente polivalente e pode ser utilizada para diferentes funções sem sofrer, em si, alterações, de modo a atingir uma solução óptima com uma flexibilidade mínima. Surge o exemplo do SESC Pompéia em São Paulo, uma organização cultural instalada numa antiga fábrica que, depois de uma intervenção da arquitecta Lina Bo Bardi, passou a acolher actividade de produção e fruição de artes, literatura, música e desporto. Proporciona um escape criativo, um espaço para educação, troca de ideias e socialização, uma ponte entre produtores e consumidores e uma oportunidade de obter rendimento com o trabalho criativo e melhorar o nível de vida. Um impacto social que está, não só na actividade desenvolvida pelo centro, mas contida na própria arquitectura.

A ideia de acumulação de funções, de densidade e flexibilidade na Cova da Moura, permite avaliar a criação de um centro ou centros que funcionassem para vários fins, a várias horas do dia, servindo diferentes populações.

Com efeito, um olhar atento às instituições da Cova da Moura, e o bairro apresenta já alguns núcleos movimentados e bem sucedidos, os quais podemos tomar como exemplo de densidade e multifuncionalidade.

O Moinho da Juventude acolhe uma creche com cozinha, várias salas e um espaço comum, um estúdio de som e sala de jogos, para além de sala de reuniões e gabinetes

administrativos da própria associação. O vocabulário urbano do espaço definido pelo Moinho da Juventude é de grande relevância para este trabalho, já que no lote que lhe pertence se desenvolve todo o tipo de espaços de utilização pública: uma horta que oferece uma subida gentil pelo declive acentuado, um parque infantil, um recreio e um miradouro, escadas e patamares. O edifício chega a levantar-se sobre a estrada para permitir a passagem para um conjunto de casas e, neste movimento ergue-se sobre a colina, assinalando a sua presença e o seu trabalho. Faz ainda ligação, pelo interior do quarteirão com a biblioteca, também ela um espaço multifuncional, para adultos e crianças, para formação, informação e divulgação e até para festas.

A Associação Moinho da Juventude parece transpirar segurança e tranquilidade para a zona que a envolve e é, precisamente este o efeito pretendido de uma acupunctura urbana.

Outro exemplo se verifica na associação desportiva que reúne funções de biblioteca, centro de formação, ponto de acesso à internet, gabinetes de apoio social, café e restaurante, creche e recreio infantil, pavilhão desportivo, recinto para espectáculos e eventos, instalada junto à escola primária. A densificação destas estruturas torna-se um tema de trabalho interessante, agrupando-as, adicionando-lhes funções, construção e zona de influência, qualificando-as.

Em conclusão, são três os pólos onde isto se verifica:

A zona do **Moinho da Juventude**, extensível para dentro dos muros do equipamento da Santa Casa da Misericórdia e, portanto, da estrada que limita com estes edifícios;

A **Associação Desportiva** que desenvolve a sua actividade para trás de um muro e não tem, neste momento, grandes consequências no espaço público e que poderia, em conjunto com a escola primária, vir a definir um pólo de educação para os habitantes do bairro, já que se situa no coração do mesmo. A requalificação do espaço da escola primária poderia ter grande alcance visual, com os seus patamares e largos transformados em jardins, hortas pedagógicas, locais de reunião e jogos;

O **Centro Paroquial** e a Creche, em conjunto com a sua envolvente que encerra um grande potencial de regeneração pelo seu agravado estado de degradação. A sua importância não é alheia ao facto de estar próximo de uma entrada importante do Bairro, e à possibilidade de definir novas ligações e espaços públicos e equipamentos qualificados que sirvam não só a Cova da Moura, mas também os Bairros envolventes e a população da Amadora. É também necessário referir a capacidade de alteração da imagem degradada do Bairro para o exterior, já que esta encosta desce de encontro à Avenida da República, a rua de cintura à Cova da Moura, e define uma fachada do bairro, se não a principal, a de maior impacto.

## Conclusão

O papel da Arquitectura é, ao contrário do que se esperava no Modernismo, limitado no que respeita a moldar o comportamento da sociedade. Não se pode esperar, portanto, do Arquitecto, do Urbanista ou do Designer a solução para os problemas de exclusão social. Porém, legar as intervenções exclusivamente aos agentes sociais não pode produzir os melhores resultados, já que não combate os problemas de imagem que tornam o bairro pouco atractivo, e o ambiente construído dos moradores impediria a sua integração na sociedade mais alargada, enquanto o bairro for visto com desconfiança pelos seus vizinhos. Ao mesmo tempo, a melhoria da estrutura física do bairro não consegue propor soluções para os problemas sociais mais alargados.

Percebemos assim, que o espaço tem um papel na integração ou segregação da sociedade urbana, e não podemos estudar a exclusão social sem olhar também para a exclusão espacial.

Deste modo, através de intervenções no espaço, o Arquitecto pode introduzir verdadeiras mudanças na vida dos moradores. Reavaliar as barreiras espaciais e promover a acessibilidade e uma maior liberdade espacial pode ser o modo de contribuir para promover a integração social. É esta atitude que permite, por um lado manter as redes de vizinhança existentes, já consolidadas e, por outro, evitar a segregação dos moradores face à envolvente e à cidade, convidando vizinhos e estranhos a adentrar-se pelo bairro por percursos e espaços públicos qualificados, usando equipamentos de dimensão municipal cujo uso seria dinamizado pelas associações locais.

Os modelos analisados de intervenção na malha urbana permitem uma atitude crítica perante o trabalho a realizar na Cova da Moura. Sendo que o tecido social está cosido à malha urbana, os trabalhos teóricos de Gordon Cullen, as sugestões de deriva e estímulos dos Situacionistas, a defesa da rua como espaço de sociabilidade e a sua vivência como garante de segurança por Jane Jacobs permitem optar por uma intervenção de equilíbrio e compromisso entre o acesso e salubridade das habitações existentes e o respeito pelas relações entre os habitantes. Como relevante se torna também a noção de acupunctura urbana, isto é, a ideia de uma intervenção por pontos-chave que, qualificados, incentivam a qualificação do próprio ambiente onde se inserem, ancoram actividades culturais, zelam pela manutenção do espaço público e constituem marcos na paisagem e nos percursos. Mas há também opções de projecto que potenciam o efeito congregador da arquitectura, a rua, a praça, o largo, à escala da intervenção urbana, a pérgola que produz sombra, o lancil

que serve para sentar, o recesso que acolhe à entrada, quando considerada a escala do edifício. São também elementos de transição, onde se esbatem as fronteiras público/privado, interior/exterior e a sua porosidade convida o público a entrar sem ter que tomar uma decisão consciente de o fazer. Por oposição, os elementos que contribuem para uma maior segregação são os muros, as grandes vias de comunicação e a própria topografia, difícil de vencer. Nesse sentido urge rever os limites da Cova da Moura que constituem barreiras, como a Avenida da República e propor percursos e soluções que permitam vencer com menos esforço as imposições da topografia.

Mais se conclui que os espaços públicos a propor, para além do seu carácter comunitário devem acolher uma multiplicidade de funções e, mais do que telas em branco, serem suficientemente qualificados para o seu uso flexível, rentabilizando o investimento de esforço e capital que neles se faz. Possibilitando acolher eventos culturais, desportivos e lúdicos que congreguem vários tipos de pessoas.

Para uma intervenção ser bem sucedida, deve envolver a população, desde a aferição inicial das suas vontades e necessidades ao debate público das propostas, responsabilizando-as, motivando-as, incentivando-as a agir.

Se, no projecto, se impõem questões sobre a sustentabilidade, flexibilidade e acessibilidade, não é de desprezar o papel de um ambiente saudável: passar uma imagem do bairro cuidada, segura, convidativa para o exterior e para os próprios moradores, é um instrumento de *empowerment*, isto é, estimula a confiança dos moradores para tomar às suas próprias mãos a melhoria das suas condições de vida.

## Bibliografia

- ABLEY, Ian (Ed.) Architectural Design Jan. 2006 - *Modular Manmade Structures*, MURRAY, Gordon *Appreciating Cumbernauld* (pp 86-89).
- CULLEN, Gordon, *Paisagem Urbana*, Edições 70, Lisboa, 2008.
- FRAMPTON, Kenneth, *Modern Architecture - A Critical History*, Thames and Hudson, London, 1992.
- FRIEDMAN, Yona, *Pro Domo*, Actar, Barcelona, 2006.
- GEDDES, Patrick, *Cities in Evolution*, Routledge, Londres, 1998.
- HERTZBERGER, Herman, *Lessons for Students in Architecture*, 010 Publishers, Roterdão, 2009.
- KNABB, Ken (Ed.), *Situationist International Anthology*, Bureau of Public Secrets, Berkley, 2006.
- KOSTOFF, Spiro, *The City Shaped*, Thames and Hudson, London, 1991.
- KRIER, Léon, *The Architecture of Community*, Island Press, Washington, 2009.
- LAMAS, José, *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, Fundação Calouste Gulbenkian - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Porto, 2007.
- LEGATES, Richard e STOUT, Frederic, *The City Reader*, Routledge, Londres e Nova Iorque, 1996.
- LYNCH, Kevin, *A Imagem da Cidade*, Edições 70, Lisboa, 1999.
- MACHADO, Rodolfo (Ed.), *The Favela-Bairro Project: Jorge Mário Jáuregui Architects*, Harvard University Graduate School of Design, Massachusetts, 2003.
- MADANIPOUR, Ali, *Public and Private Spaces of the City*, Routledge, Londres e Nova Iorque, 2003.
- MADANIPOUR, Ali, *Social Exclusion in European Cities - Processes, Experiences and Responses*, Stationery Office, London, 2000.

PRICE, Cedric, *The Square Book*, Wiley-Academy, Londres, 2003.

RODRIGUES, A. Jacinto, *Urbanismo: Prática Social e Política*, Limiar, Porto, 1976.

SANTOS, Cecília, *Centro de Lazer SESC Fábrica Pompéia*, Editorial Blau, Lisboa.

WHYTE, William, *City: Rediscovering the Center*, University of Pennsylvania Press, Philadelphia, 2009.

WILSON, William, *The City beautiful Movement*, The John Hopkins University Press, Baltimore, 1989.

## **Índice das peças desenhadas**

1. Escala territorial: Leitura e Estratégia	esc 1.10000 e 1.5000
2. Escala Urbana: Estratégia	esc 1.1000
3. Escala urbana: Volumetria Proposta	esc 1.500
4. Edifício: Diagramas de Organização	esc 1.300
5. Edifício: Creche e Centro paroquial	esc 1.200
6. Edifício: Escola - Pisos Superiores	esc 1.200
7. Edifício: Escola - Pisos Inferiores	esc 1.200
8. Edifício: Auditório	esc 1.200
9. Escala Construtiva: Auditório	esc 1.50
10. Escala Construtiva: Auditório	esc 1.50 e 1.20

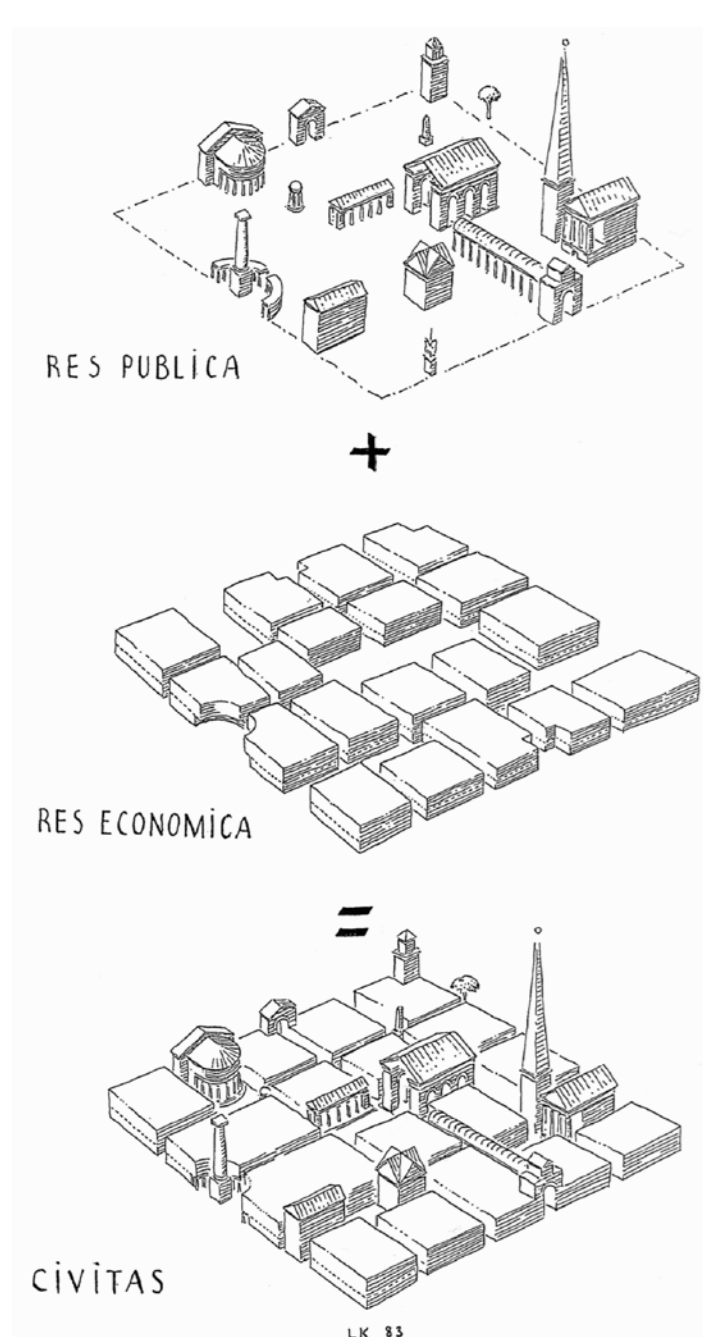
# 01 Escala Territorial: Leitura e estratégia



## Aproximação

A Cova da Moura assume uma posição central na zona da Damaia e apesar de carenciada, a população apresenta grande dinamismo cultural, veiculado pelas associações locais. Existe um sentimento de comunidade e de tentativa de melhoria das condições de vida, concretizada em ações como o 'Djunta Mo', em que os próprios habitantes levam a cabo pequenas melhorias do espaço urbano, ou o 'Projecto Sabura', que consiste em dar visibilidade aos vários negócios do bairro, entre os inúmeros cabeleiros, cafés e restaurantes. E, assim, legítimo dizer-se que a maioria dos moradores prefere ficar na Cova da Moura, e mais do que isso, manter as suas redes de vizinhança e as suas casas, fruto do seu próprio trabalho.

Assim, a proposta apresentada centra-se na intenção de fazer cidade, com melhorias sistemáticas na qualidade da habitação existente mas, acima de tudo, com intervenções pontuais, tirando partido do tecido urbano existente que apresenta uma estrutura relativamente clara que carece, no entanto, de espaços públicos qualificados. Espaços onde os moradores possam conviver e desfrutar bem como equipamento que lhes atribua significado e que permita o desenvolvimento de actividades culturais e desportivas do interesse não só da comunidade da Cova da Moura como também no quadro de equipamentos do Conselho da Amadora, o que pode atrair mais gente ao bairro e favorecer um maior intercâmbio cultural, uma maior abertura da Cova da Moura e a sua consequente integração social e urbana.



Leon Krier, 'The Architecture of Community'



Cheios/Vazios  
esc. 1.5000



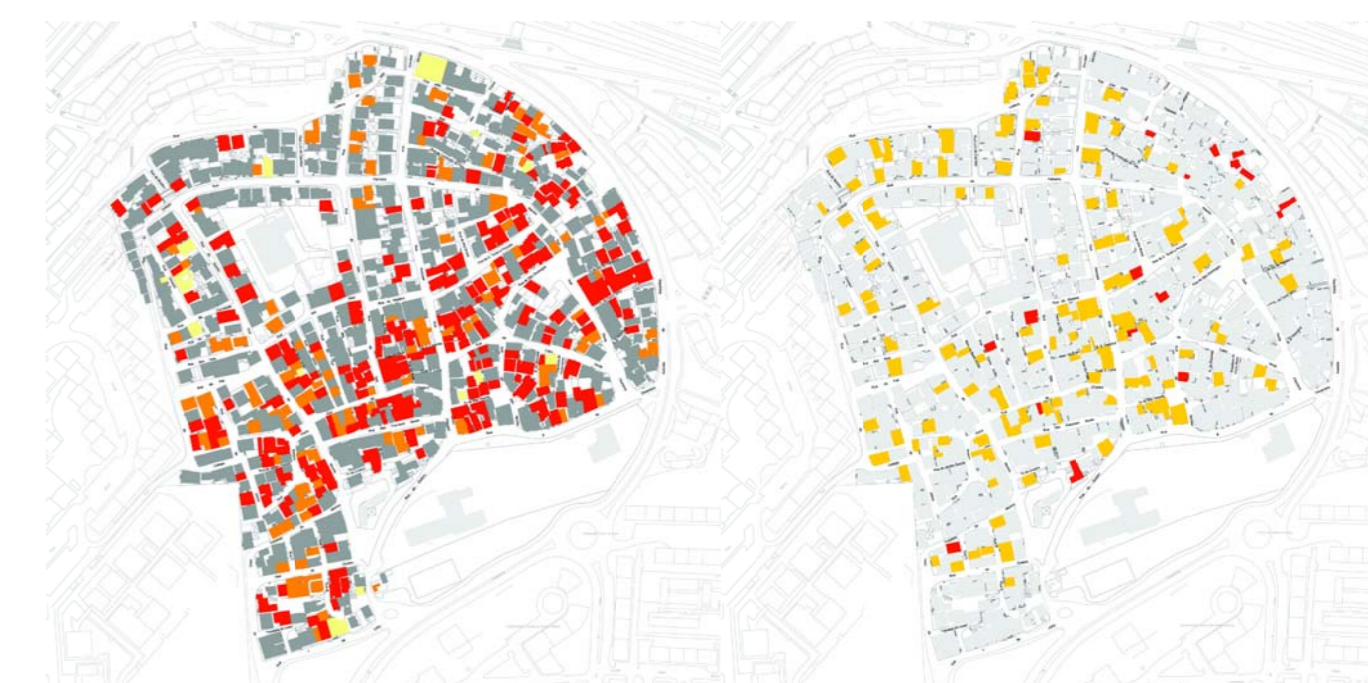
Rodovias  
esc. 1.5000



Unidades homogéneas  
esc. 1.5000



Limites  
esc. 1.5000



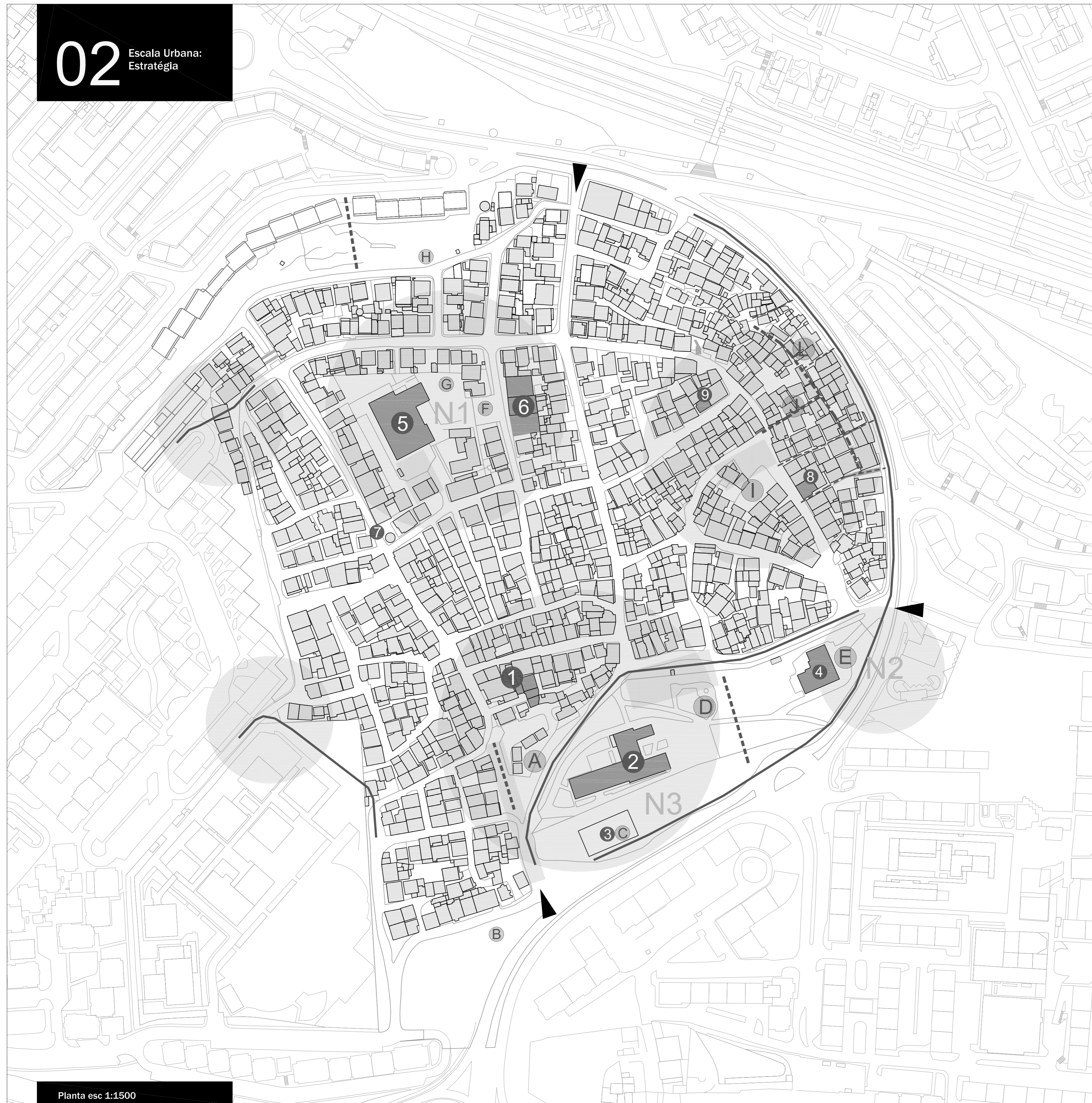
Estado de Degradação do edificado

Edifícios Devolutos



Degradação  
Diagramas elaborados pelo LNEC e fotografias do alçado Nascente do Bairro

# 02 Escala Urbana: Estratégia



Planta esc 1:1500

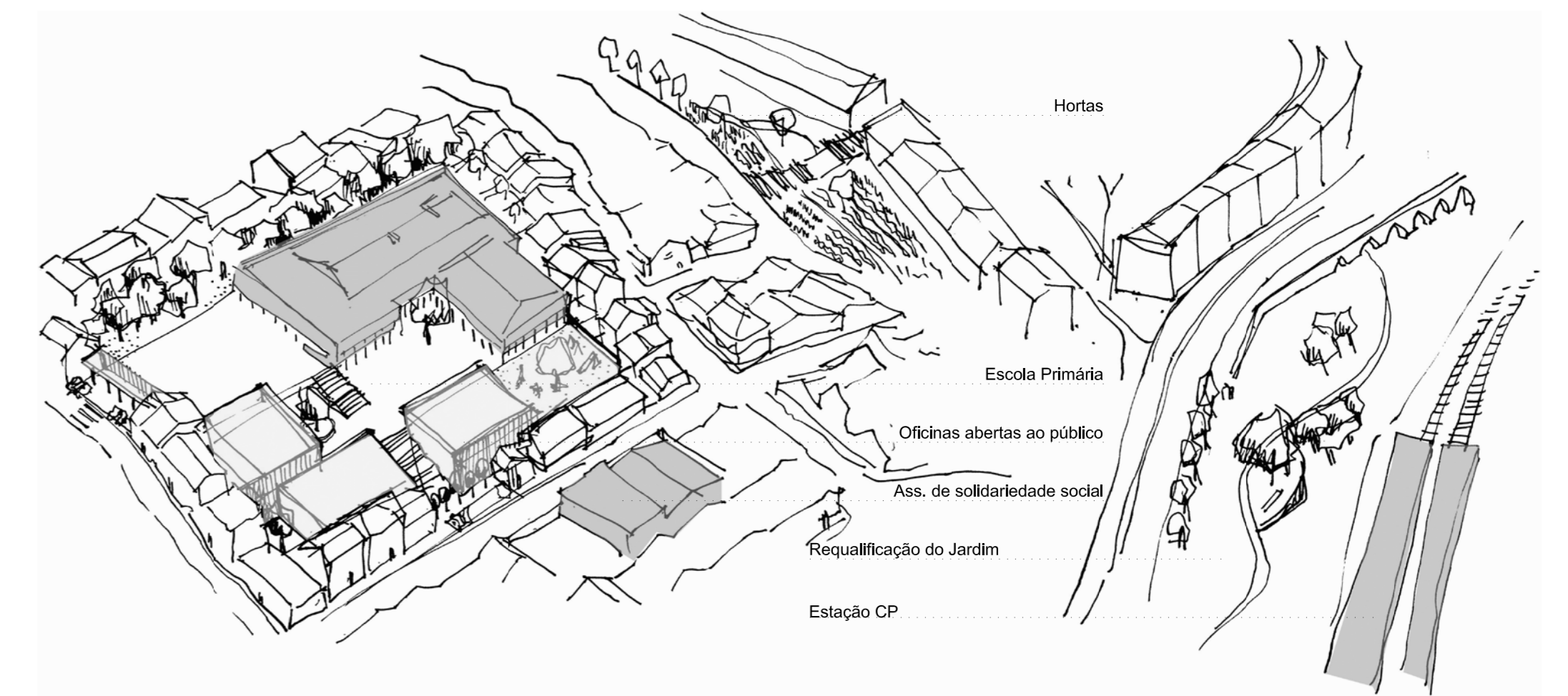
Principais Entradas no Bairro  
 Principais Espaços públicos propostos  
 Ruas a Reordenar e Alargar  
 Ligações Pedonais Propostas

**Equipamento Existente**  
 1. Moinho da Juventude  
 2. Lar Santa Casa da Misericórdia  
 3. Campo de Jogos  
 4. Creche Santa Casa da Misericórdia  
 5. Escola Primária  
 6. Associação de Solidariedade Social  
 7. Moinho (ruína)  
 8. Centro Paroquial  
 9. Associação de Moradores

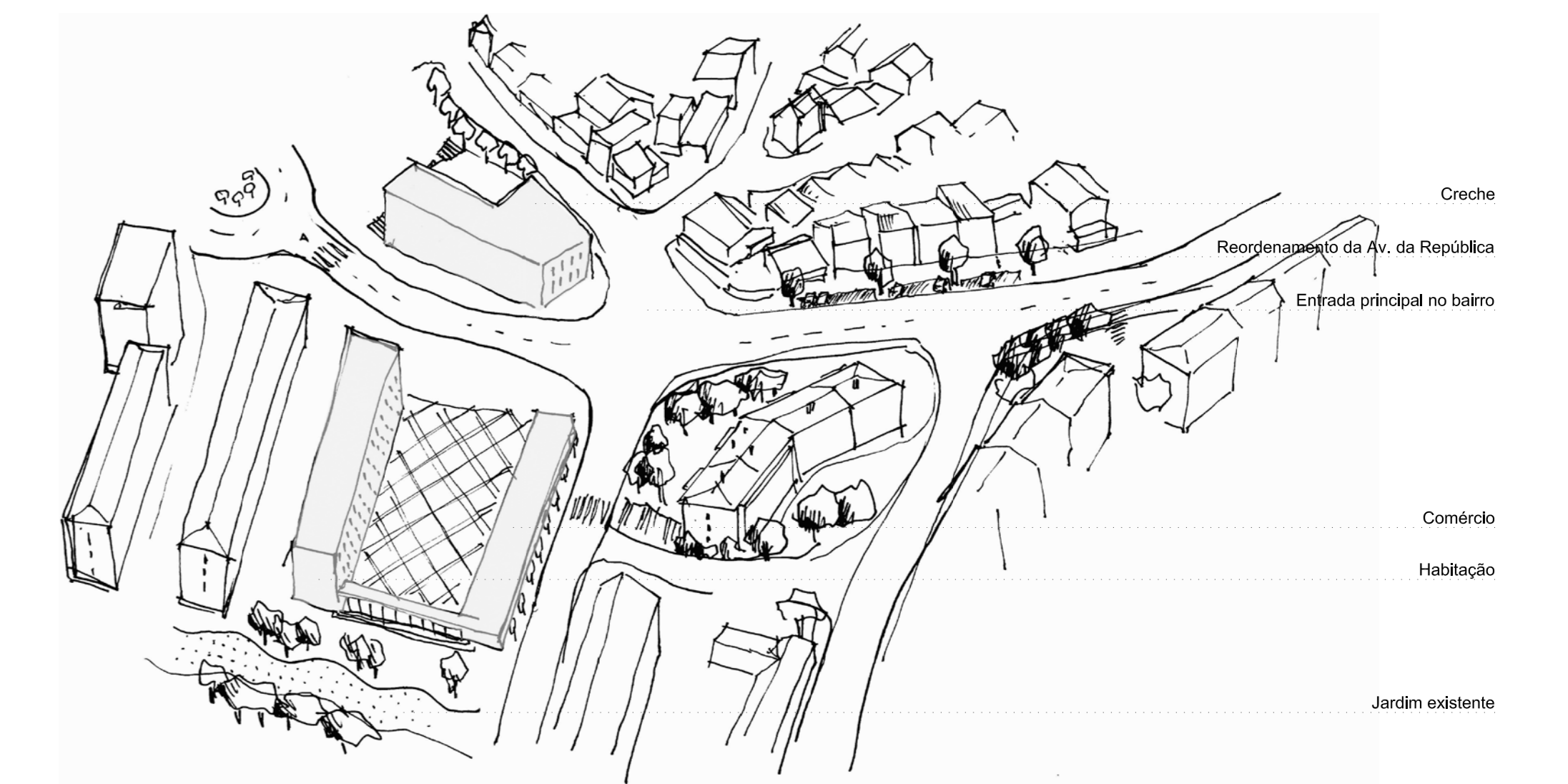
**Equipamento a Propor**  
 A. Edifício Principal do Moinho da Juventude  
 B. Habitação em altura  
 C. Pavilhão Desportivo Coberto  
 D. Mercado e Comércio  
 E. Creche  
 F. Oficinas e Terracos Ajardinados  
 H. Hortas  
 I. Centro Paroquial e Creche  
 J. Escola de Artes e Auditório

**Objectivos**  
 Dotar a Associação de condições para alargar a sua actuação  
 Proporcionar aos descendentes dos moradores a escolha de habitar no bairro  
 Criar um pólo desportivo para a envolvente  
 Explorar o potencial da Rua 9 de Dezembro como pólo comercial  
 Expandir a capacidade da creche existente e qualificar a entrada no Bairro  
 Potenciar a interacção entre a escola e os moradores, dignificar o espaço de recreio  
 Produção de alimentos e requalificação da encosta Norte  
 Criar um espaço de Reunião espiritual ou cívico  
 Dinamizar o bairro como espaço cultural e dotá-lo de equipamento de dimensão Municipal

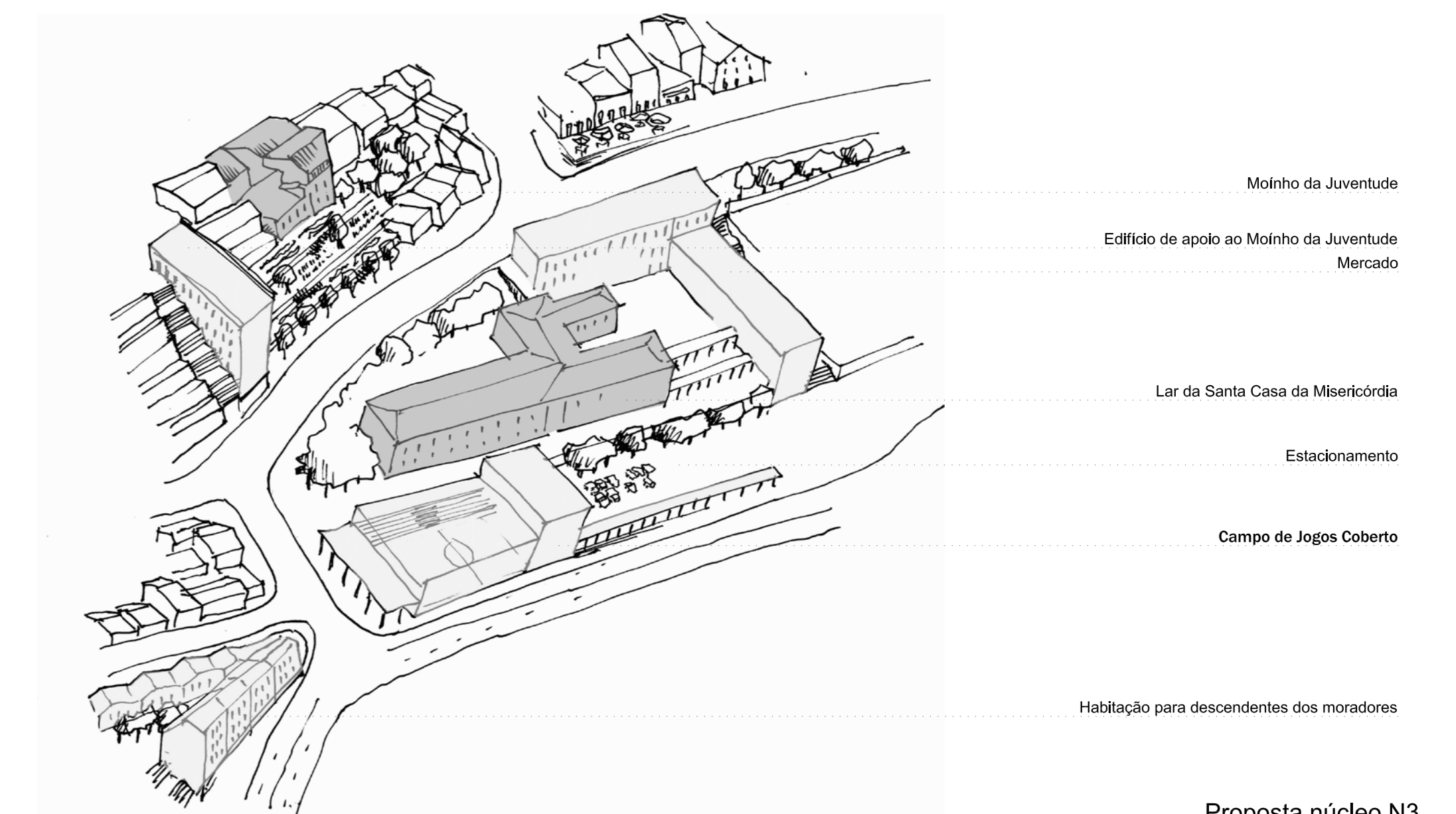
FA-UTL Mestrado Integrado em Arquitectura  
 Espaço Comum para a Cova da Moura  
 André Antunes 5604



Proposta núcleo N1

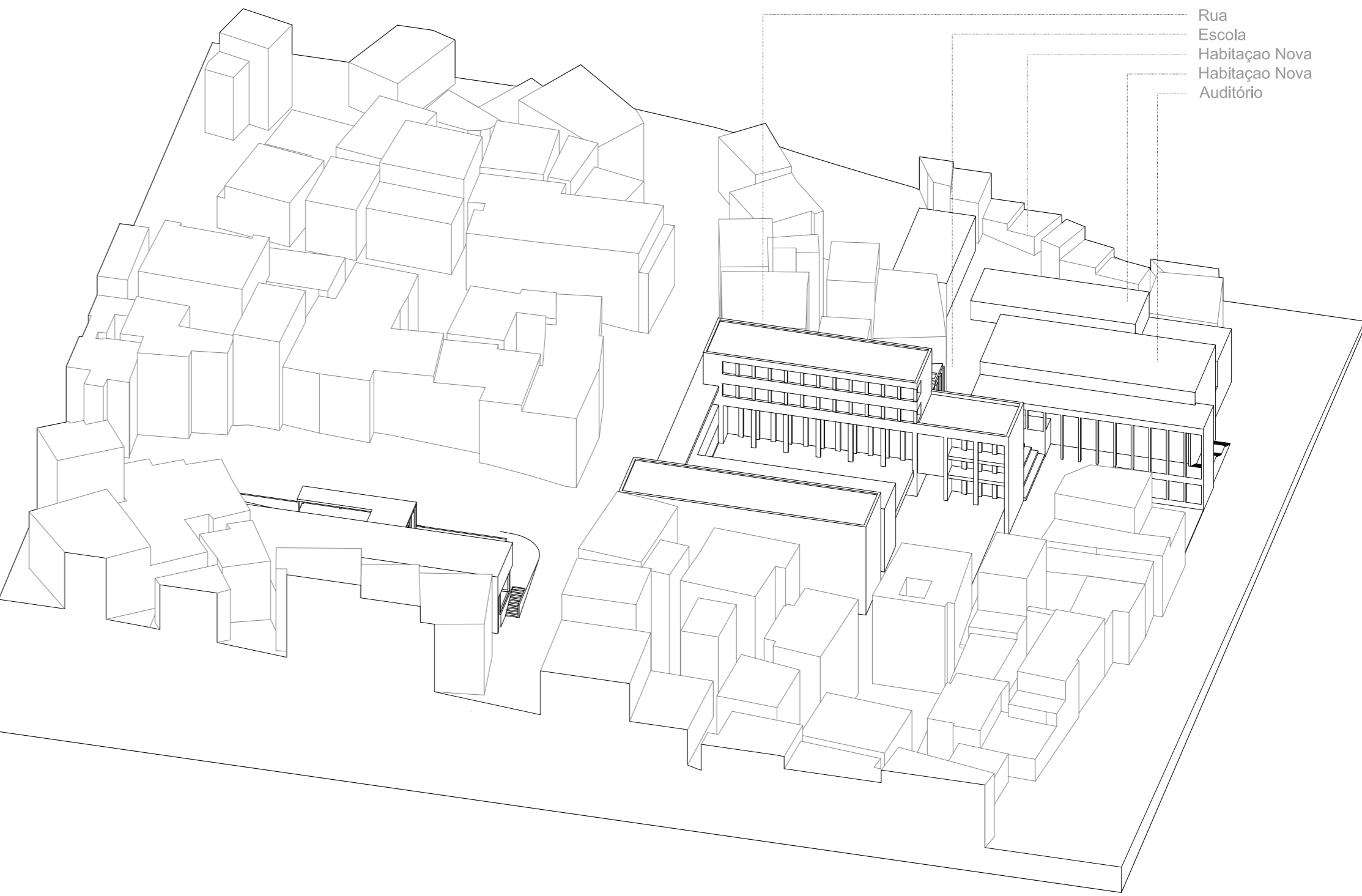


Proposta núcleo N2

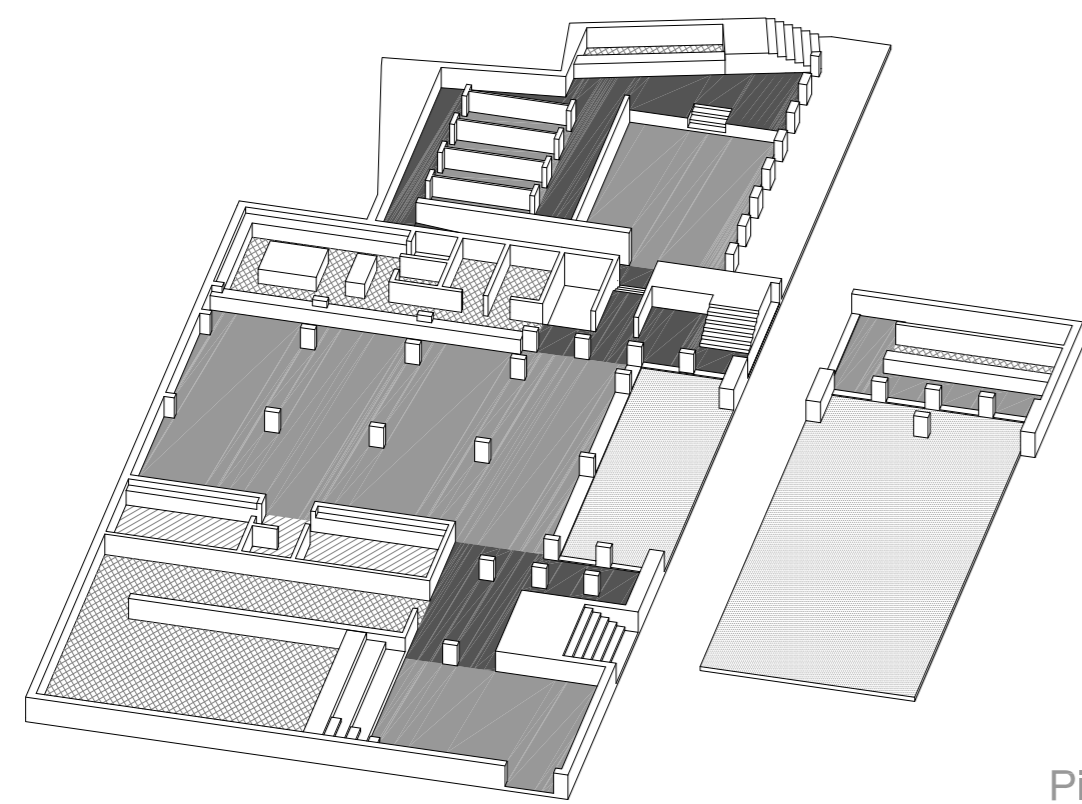


Proposta núcleo N3

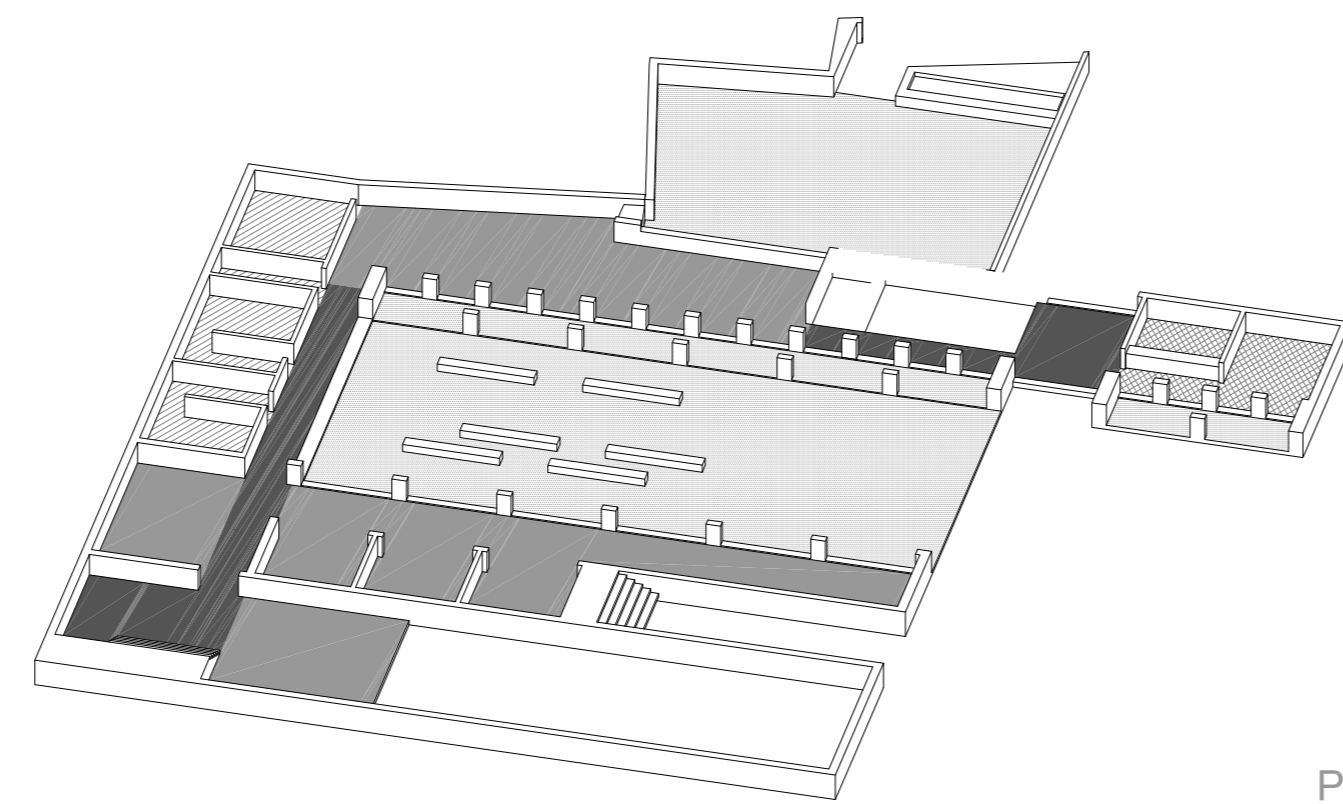
**03** Escala Urbana:  
Volumetria  
Proposta



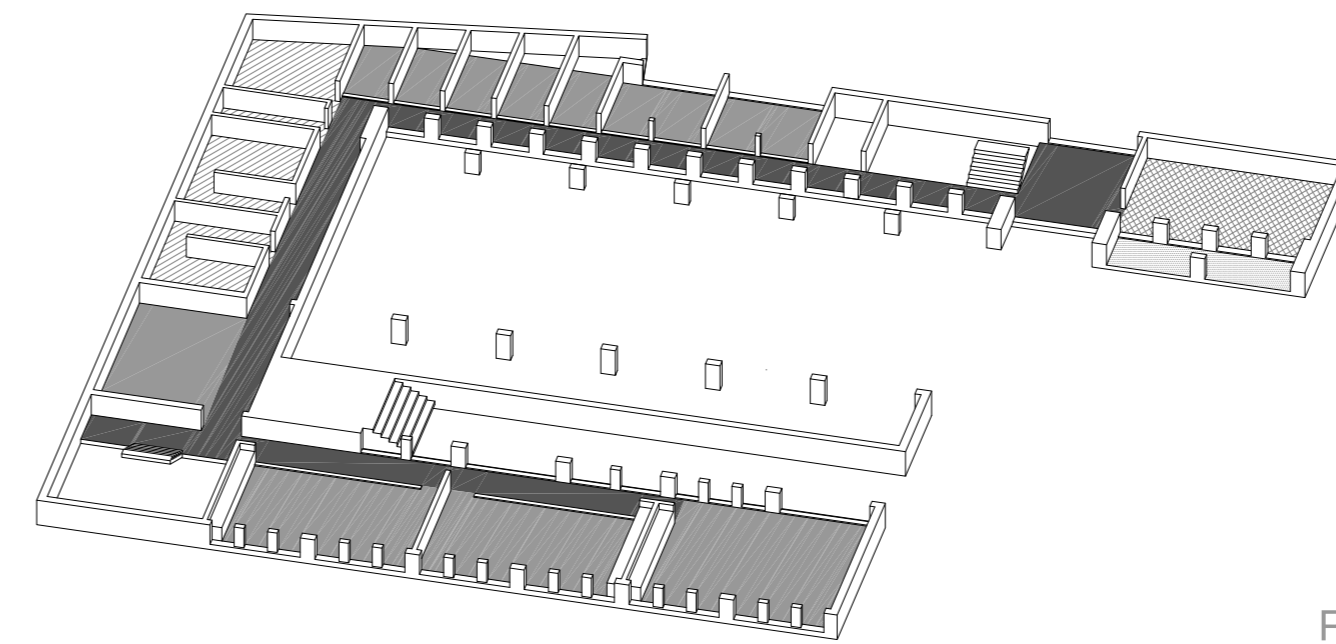
# 04 Edifício: Diagramas de Organização



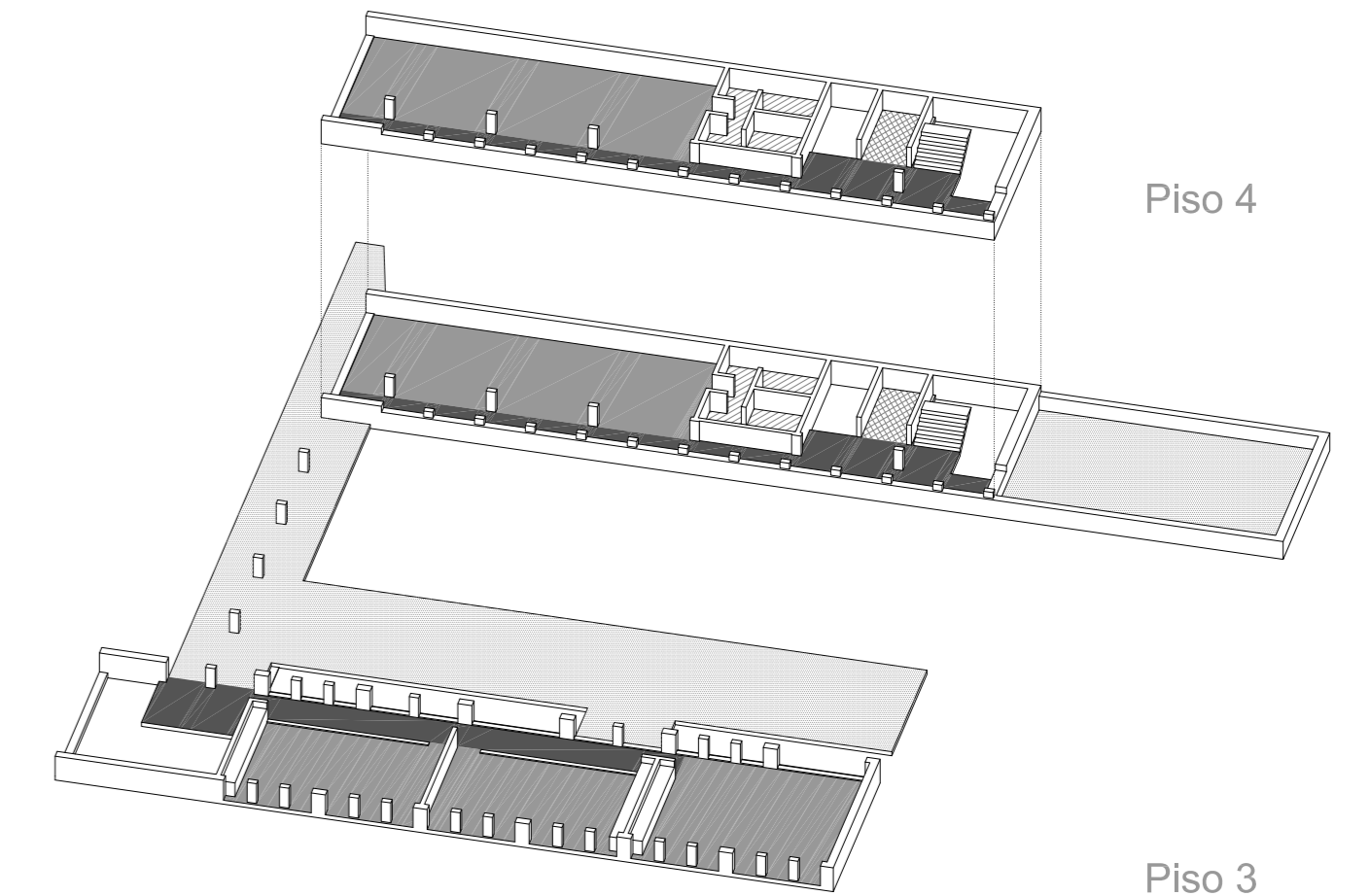
Piso 0



Piso 1



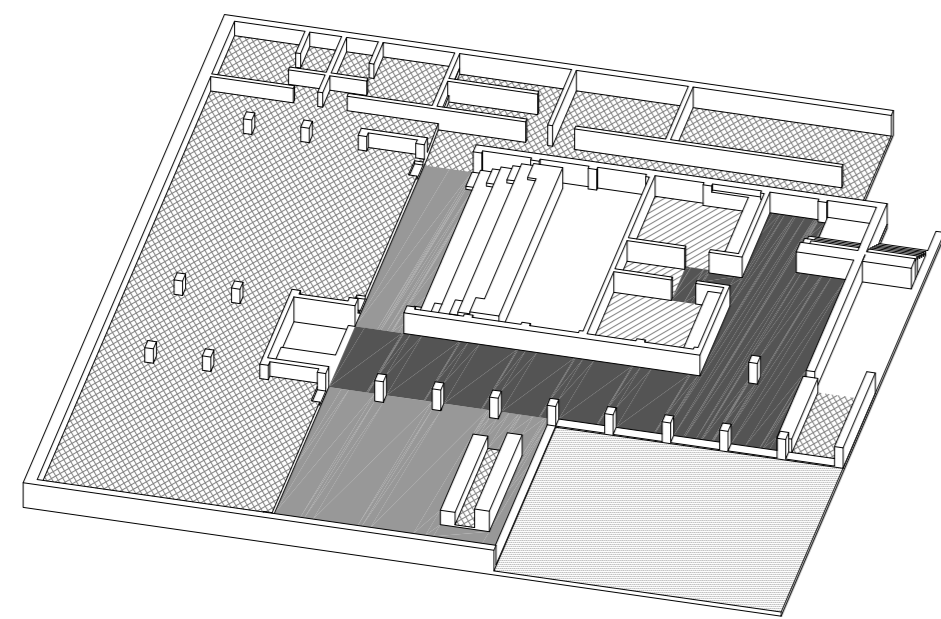
Piso 2



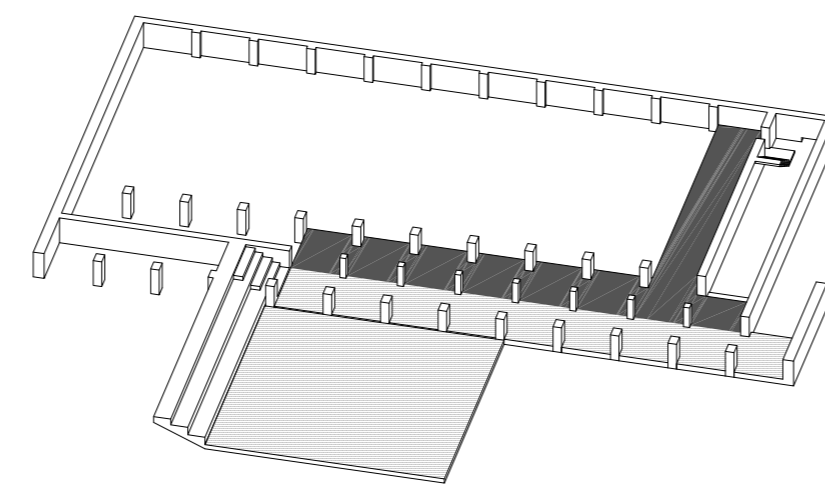
Piso 4

Piso 3

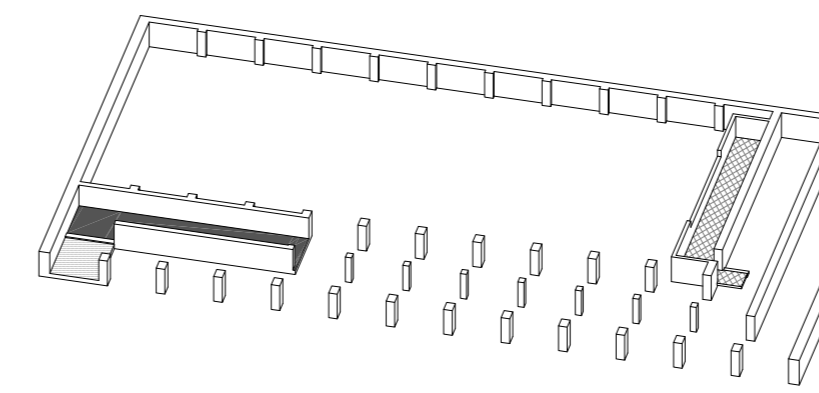
## Escola de Artes esc 1:300



Piso 0

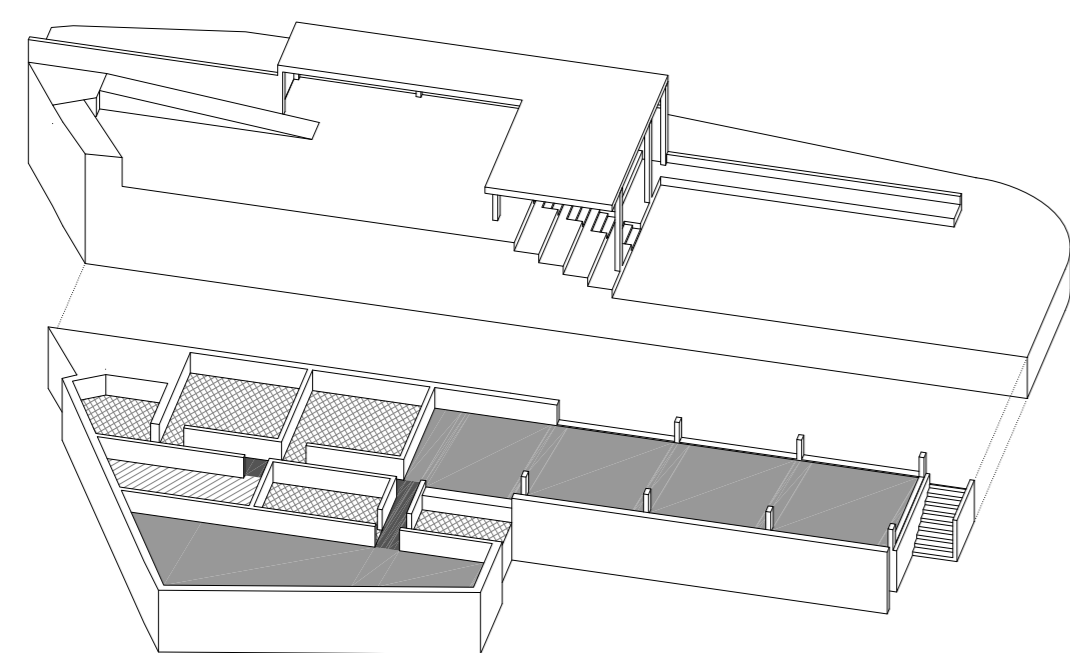


Piso 1

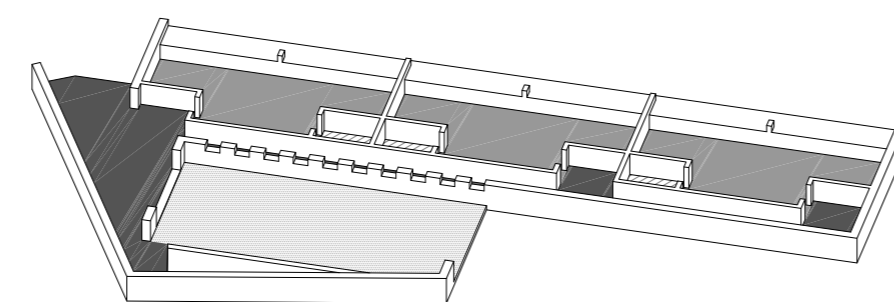


Piso 2

## Auditório esc 1:300

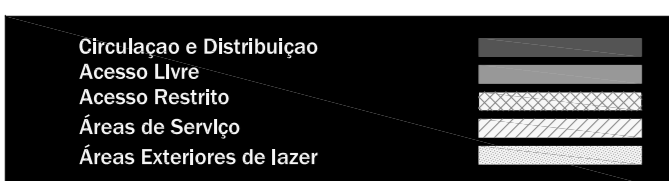


Piso 0



Piso 1

## Creche e Centro Paroquial esc 1:300



FA-UTL Mestrado Integrado em Arquitectura  
Espaço Comum para a Cova da Moura  
André Antunes 5604

### Escola de Artes

Piso 0	
Sala de Refeições	235
Cozinha	45
Funcionários	10
Suítos	5
Despensas	5
Biblioteca - Leituras	60
Biblioteca - Estantes	70
Biblioteca - Entrada	40
Bar de Alunos	30
Átrio coberto	60
Esplanada	110

Piso 1	
Pátio	340
Foyer	30
Auditório	160
Oficinas	95
Ateliês (x3)	15
Armazém	35
IS	60
Salaão	115
Átrio central	20
Secretaria	20
Administração	20
Terraço	175

Piso 2	
Sala Teórica Peq. (x2)	45
Sala Teórica Grd.	60
Informática	35
Arrumos	15
IS	60
Arrumos de Instrumentos	20
Salas de ensaio (x5)	7-10
Salas de ensaio (x2)	15
Átrio Central	20
Sala de Reuniões	15
Sala de Professores	20

Piso 4	
Estúdio de Dança	80
Banheiros	20
IS	5

Piso 3	
Átrio coberto	90
Sala Teórica Peq. (x2)	45
Sala Teórica Grd.	60
Jardim da Cobertura	115
Estúdio de Dança	80
Banheiros	20
IS	5

### Auditório

Piso 0	
Pátio	110
Foyer	100
Café Concerto	90
Bilheteira e Bengaleiro	8
IS (x2)	20
Palco	100
Palco Secundário	90
Apoio Lateral ao Palco	30
Camarin (x2)	17
Guarda-roupa	17
Central de Segurança	17
AVAC	30

Piso 1	
Plateia	170
Galeria	40
Galeria exterior	40
Palco ao Ar Livre	90
Plateia ao Ar Livre	90

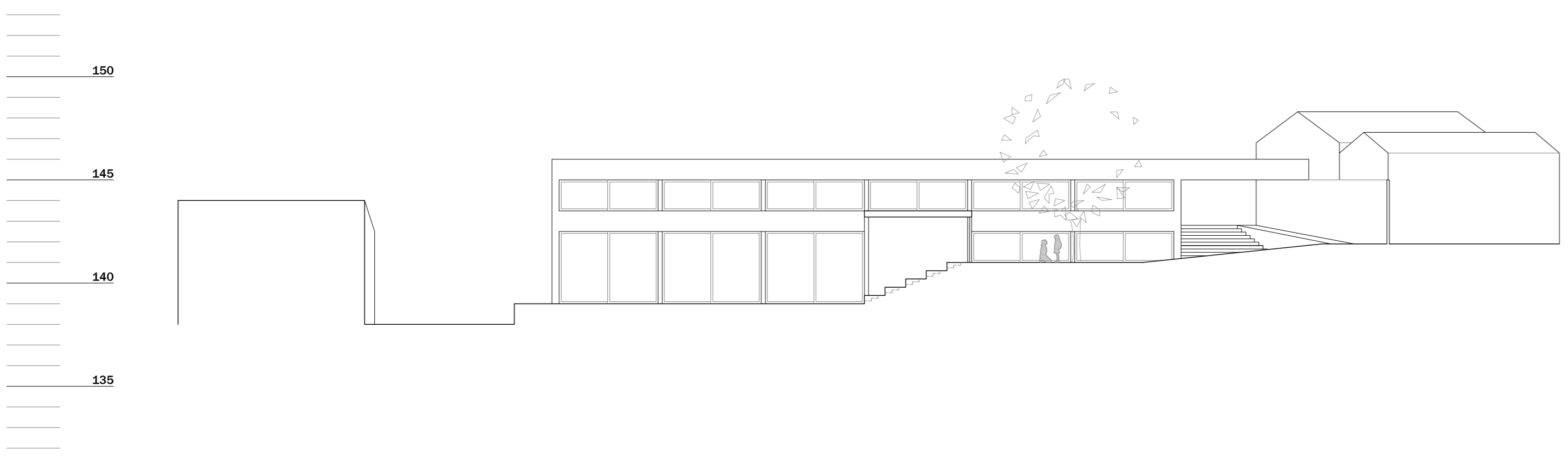
Piso 2	
Régie	13

### Creche e Centro Paroquial

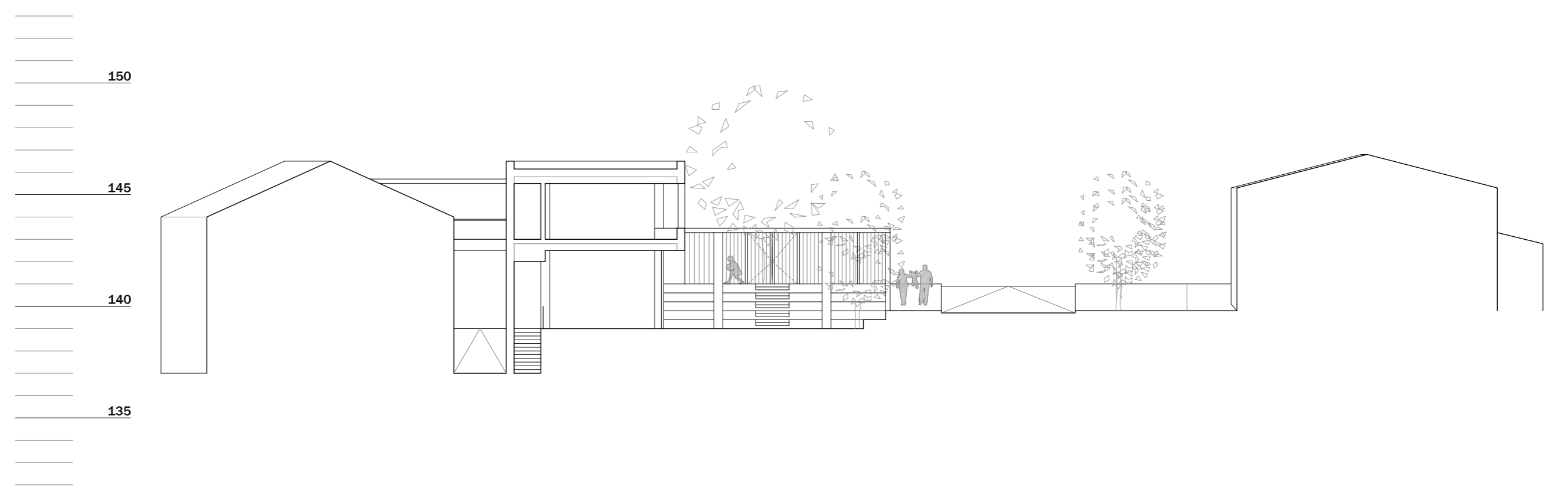
Piso 0	
Sala Polivalente	130
Bar	12
Cozinha	15
Sala de Refeições	65
Gabinetes (x2)	25
Arrumos	12
IS	20
Recreio	120
Largo	160

Piso 1	
Átrio	40
Terraço / Recreio	70
Salas (x3)	40
IS (x3)	5

**05** Edifício:  
Creche e Centro  
Paroquial



Corte A esc 1:200



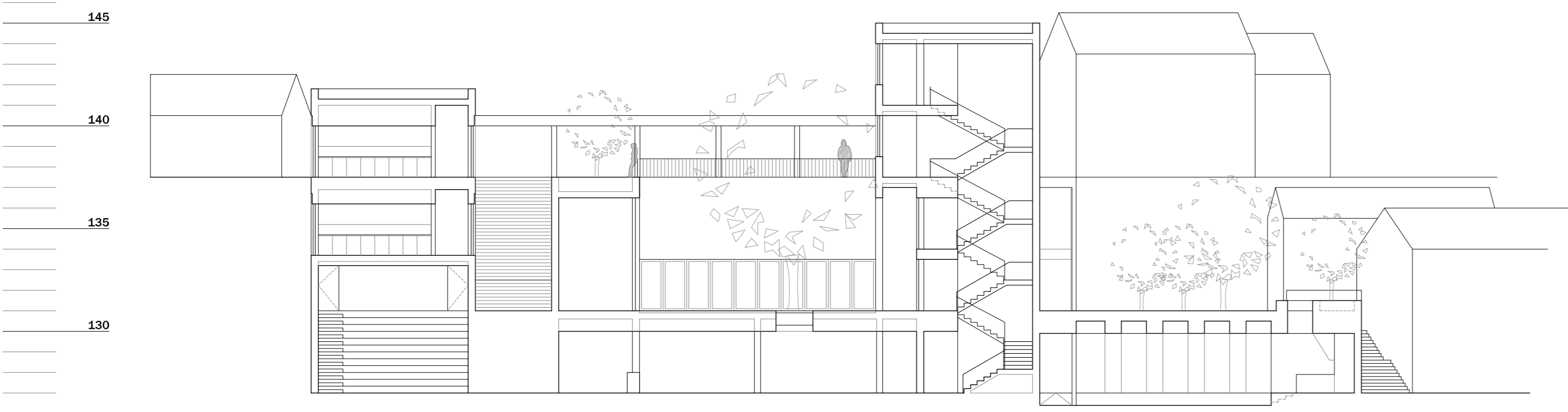
Corte B esc 1:200



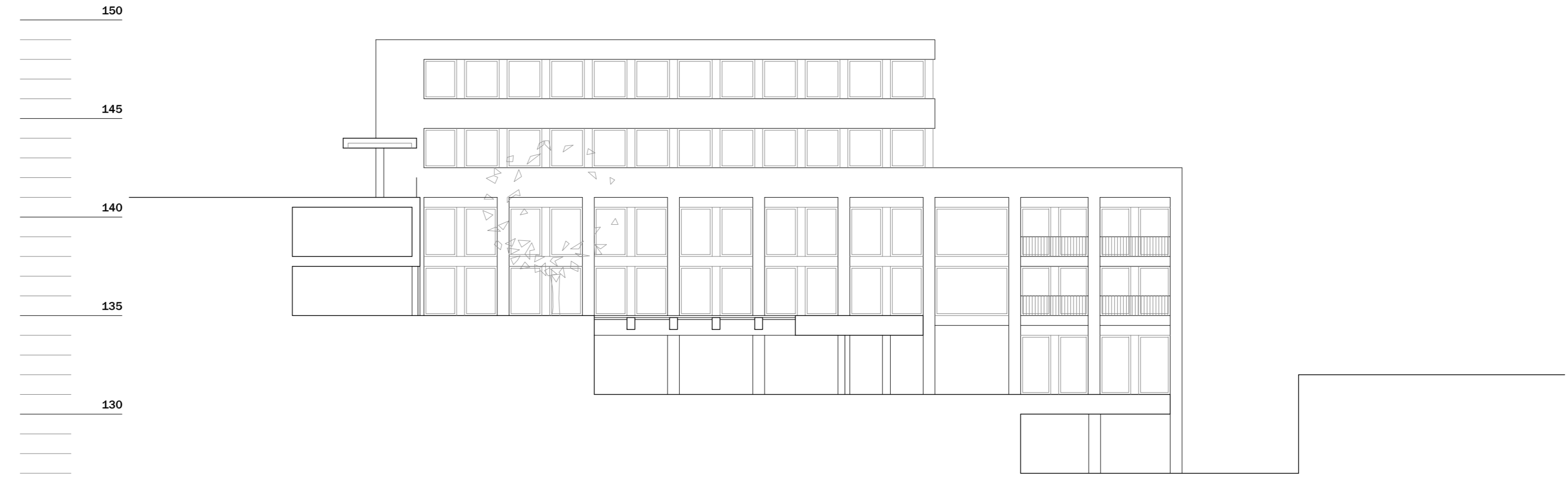
Planta Piso 0 esc 1:200

Planta Piso 1 esc 1:200

**06** Edifício:  
Escola  
Pisos Superiores



Corte C esc 1:200

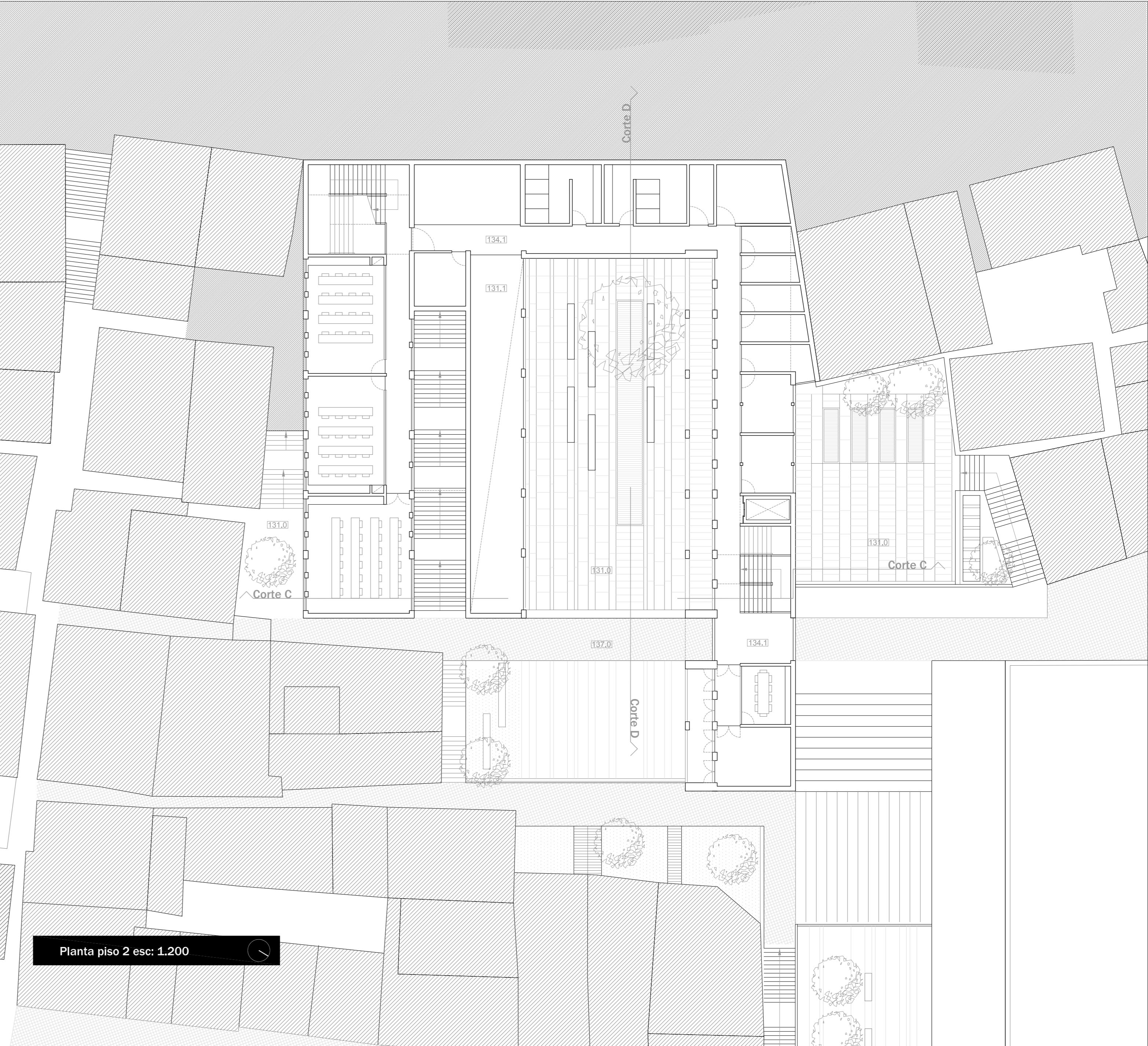


Corte D esc 1:200



Planta piso 3 esc 1:200

FA-UTL Mestrado Integrado em Arquitectura  
Espaço Comum para a Cova da Moura  
André Antunes 5604

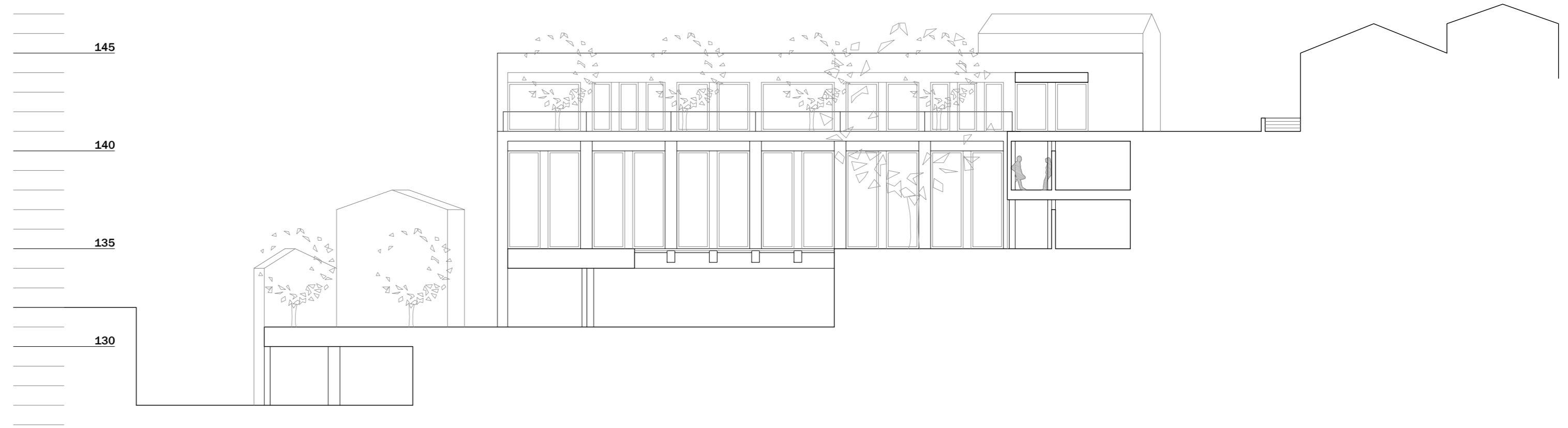


Planta piso 2 esc 1:200

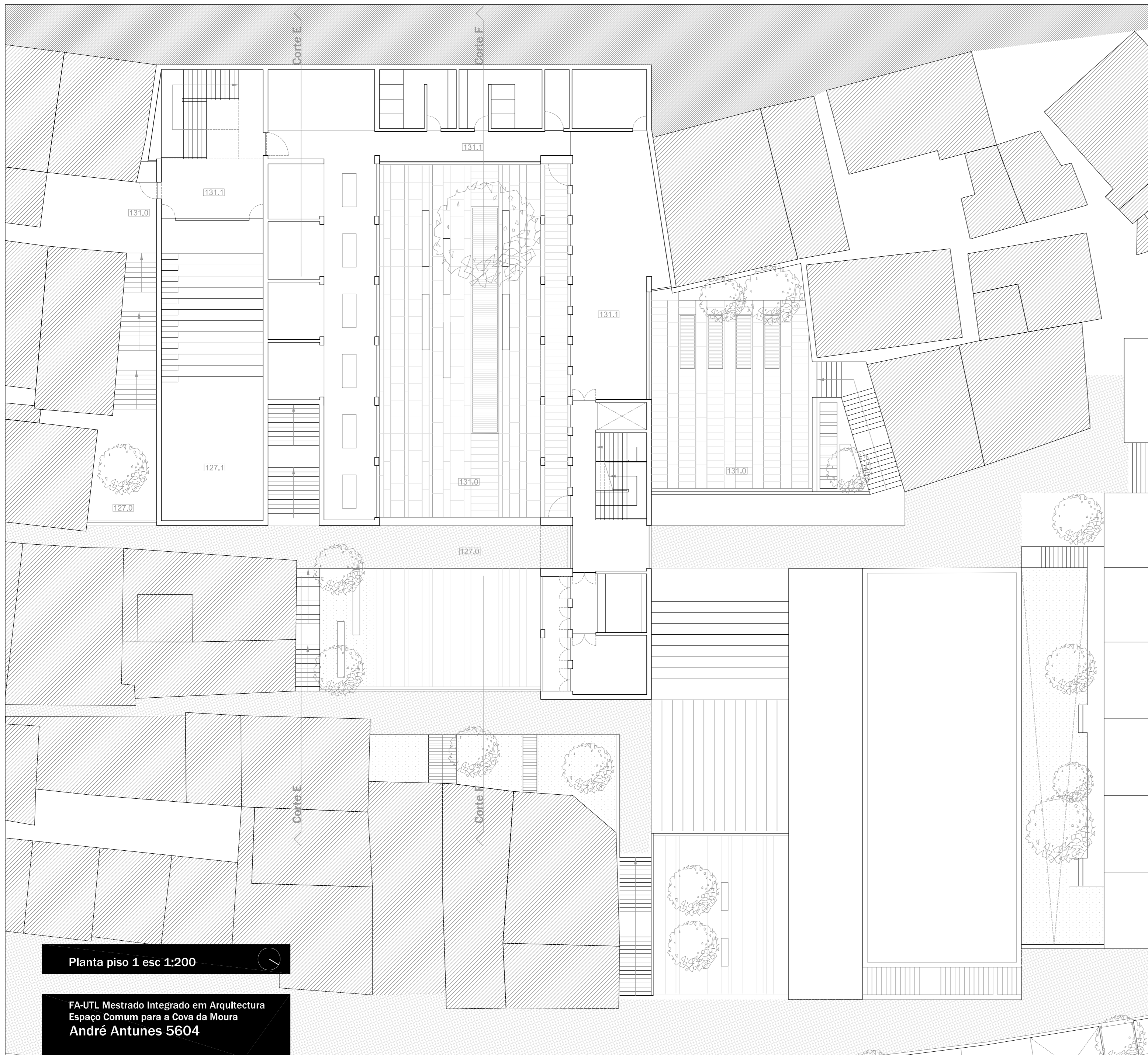
**07** Edifício:  
Escola  
Pisos Inferiores



Corte E esc 1:200

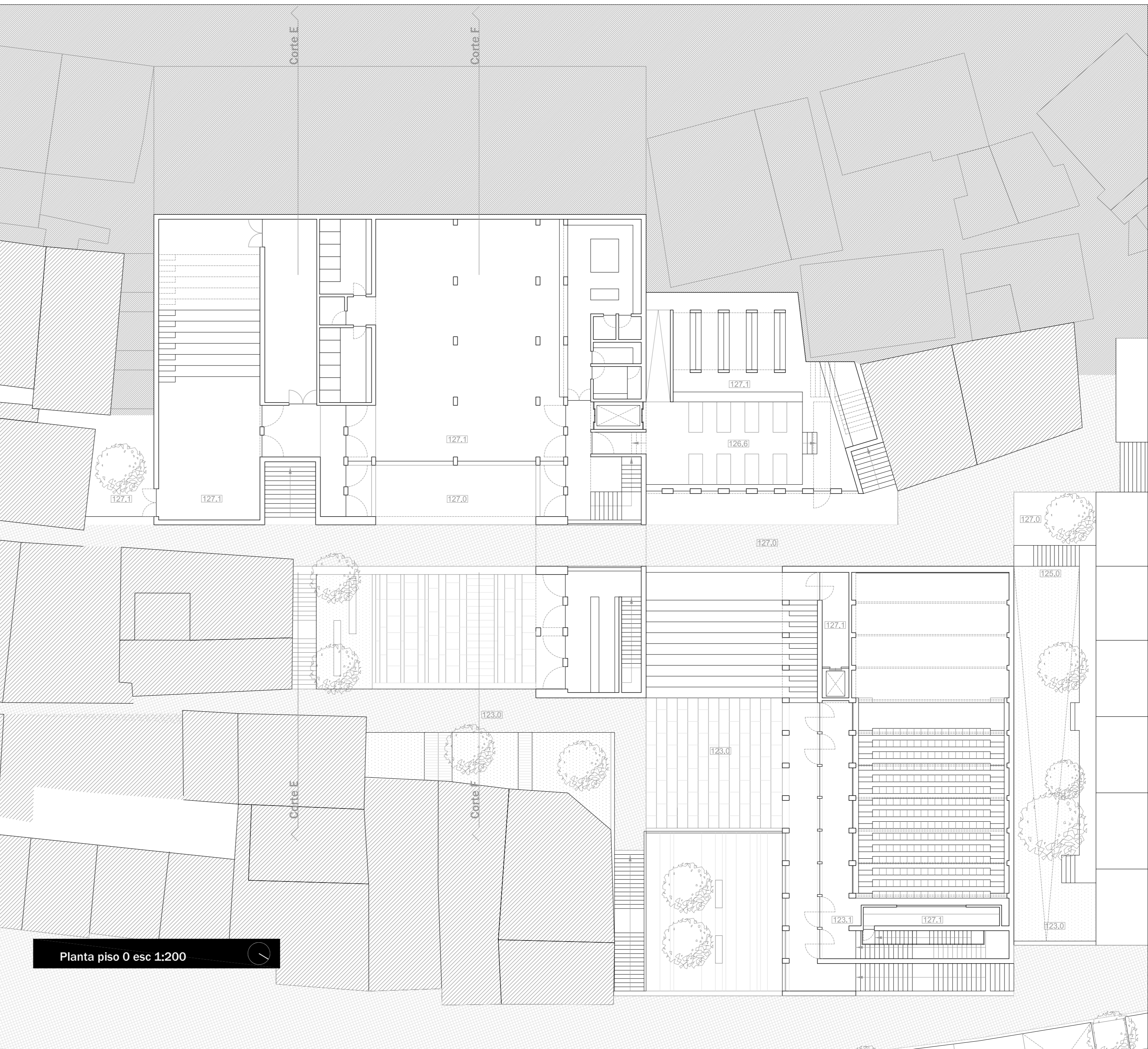


Corte F esc 1:200



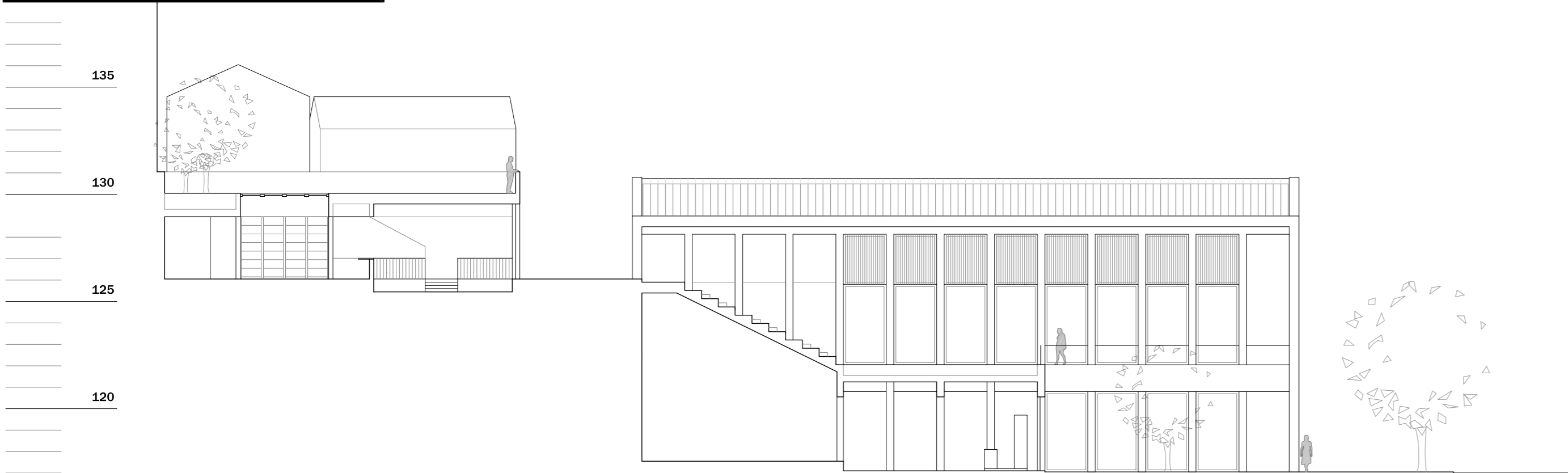
Planta piso 1 esc 1:200

FA-UTL Mestrado Integrado em Arquitectura  
Espaço Comum para a Cova da Moura  
André Antunes 5604

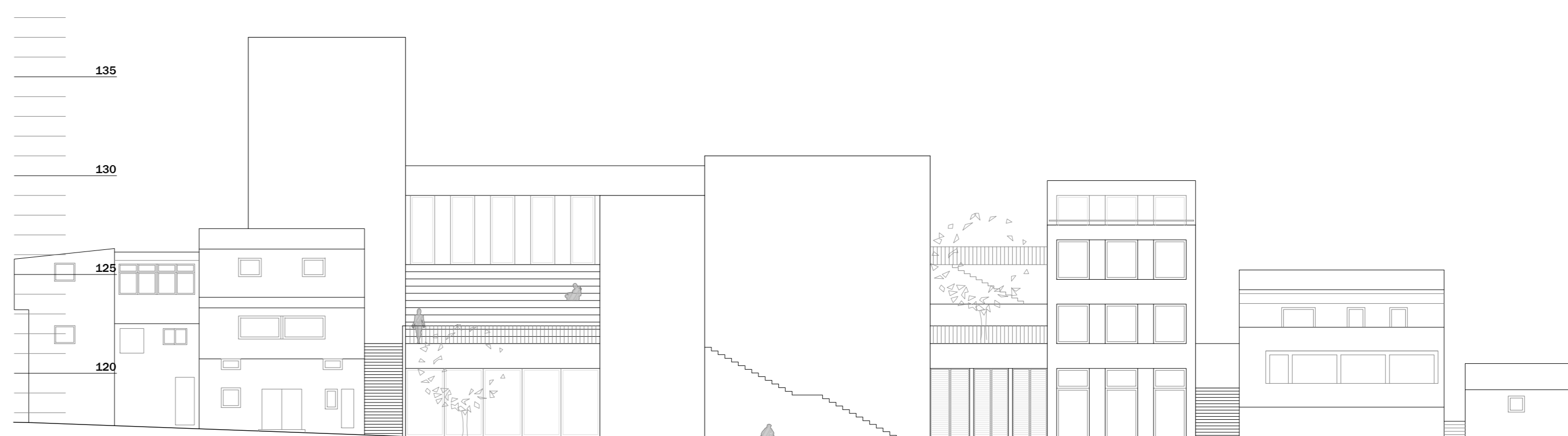


Planta piso 0 esc 1:200

**08** Edifício:  
Auditório



Corte G esc 1:200

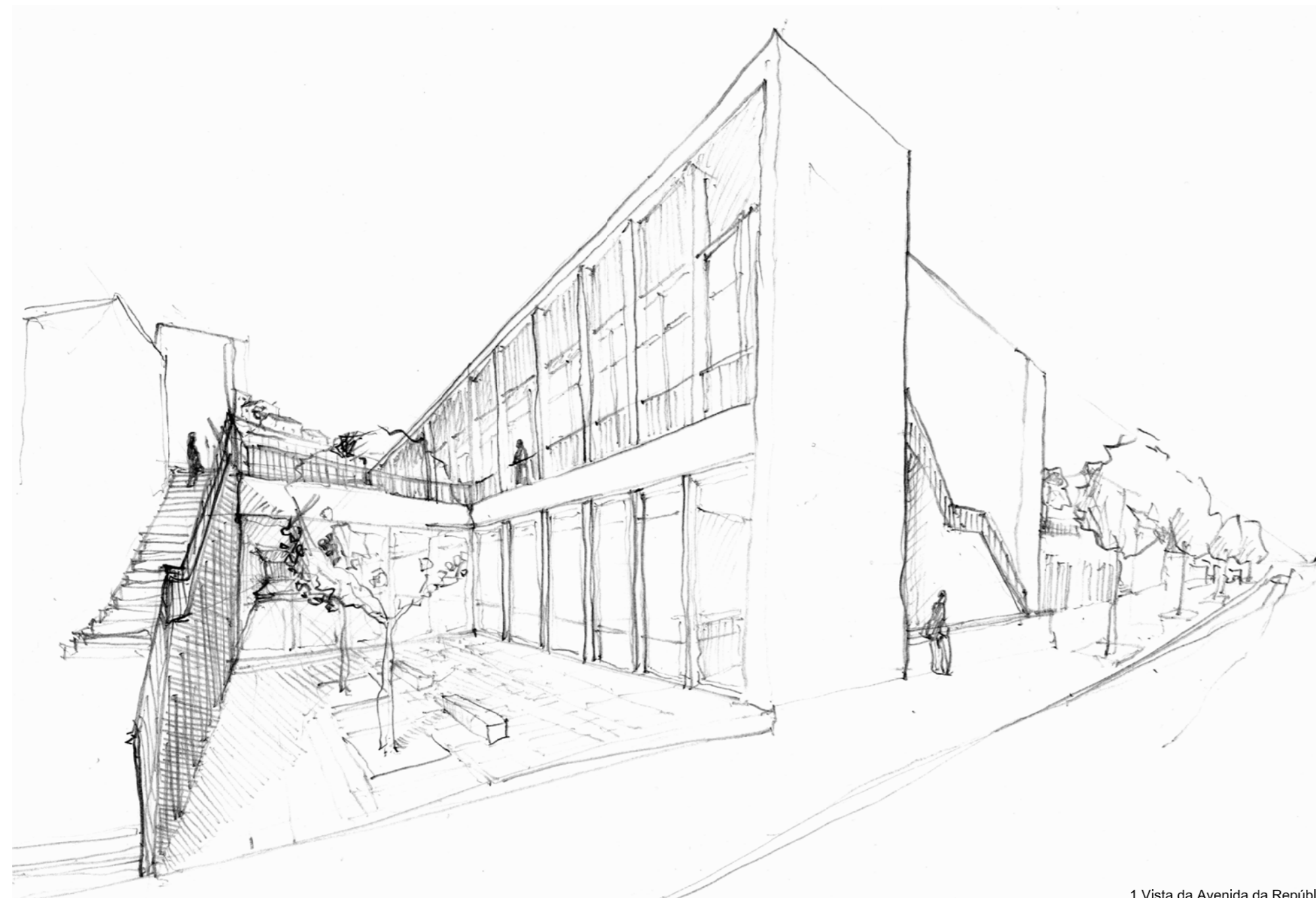
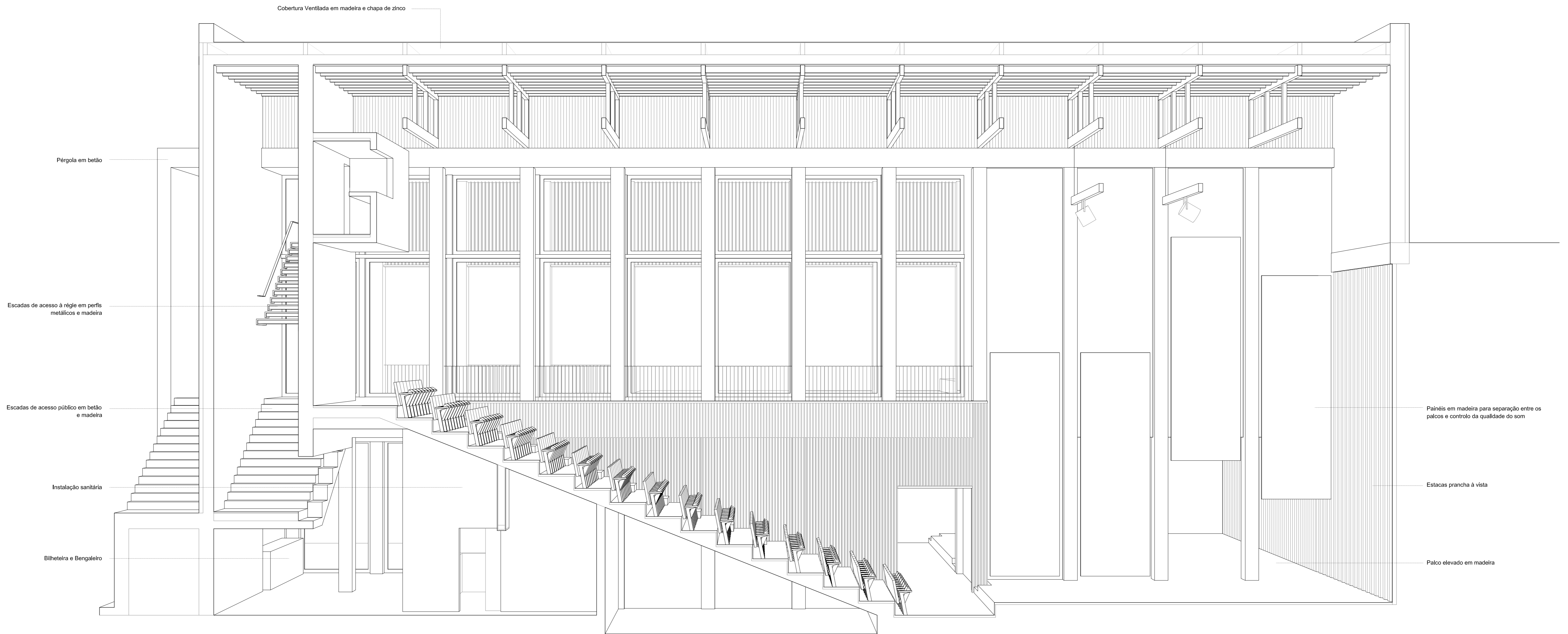


Corte H esc 1:200



Planta esc 1:200

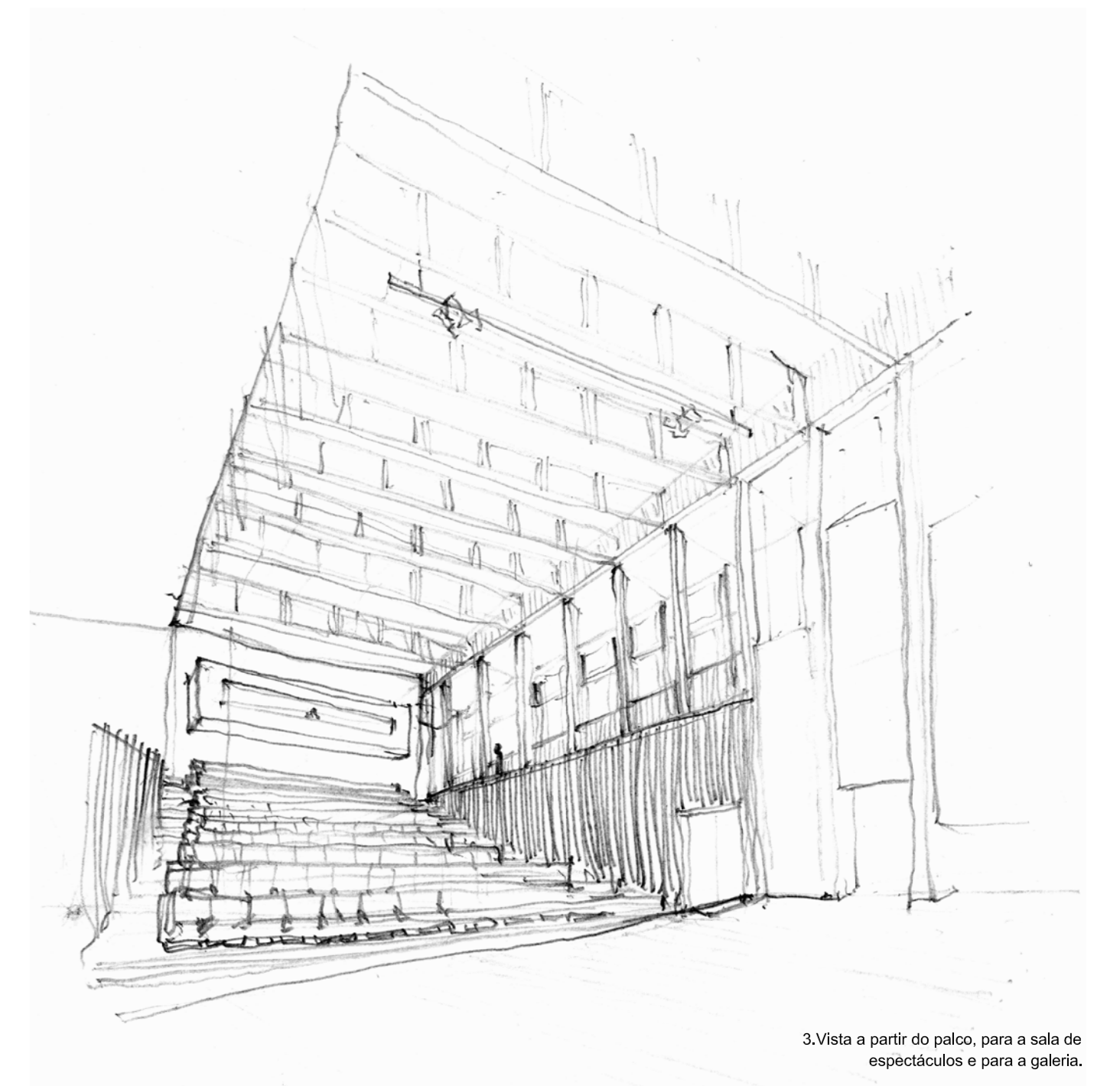
Planta esc 1:200



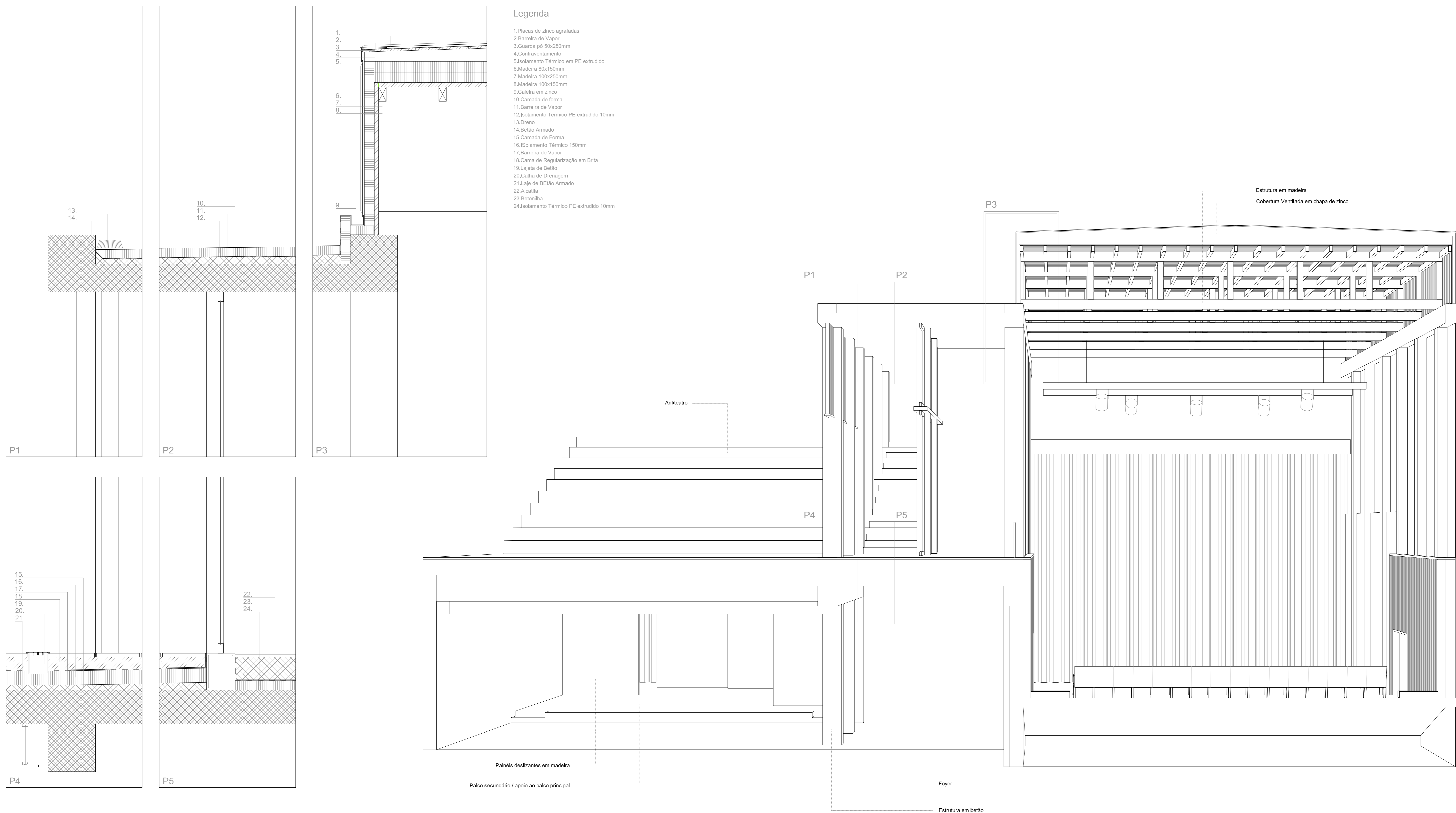
1. Vista da Avenida da República



2. Vista a partir da entrada, para o foyer. Anteve-se o espaço do café concerto.

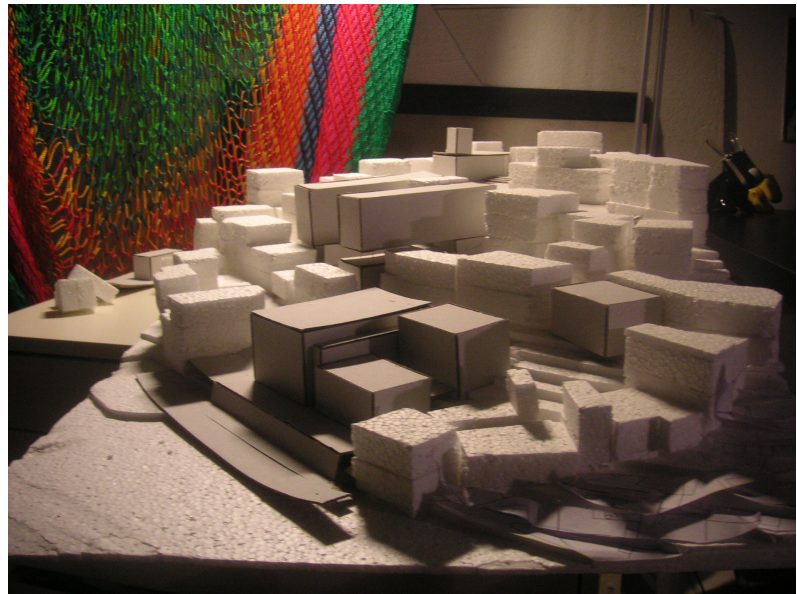
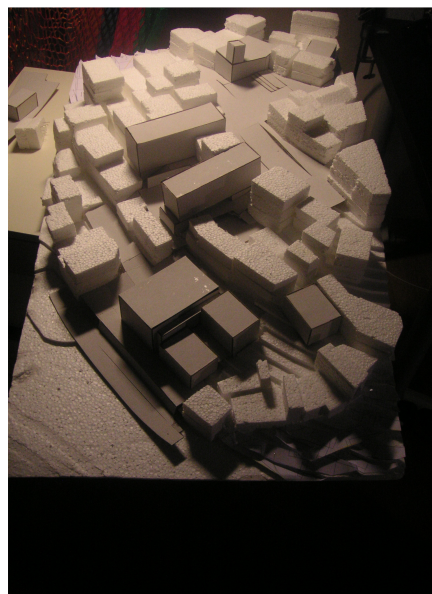
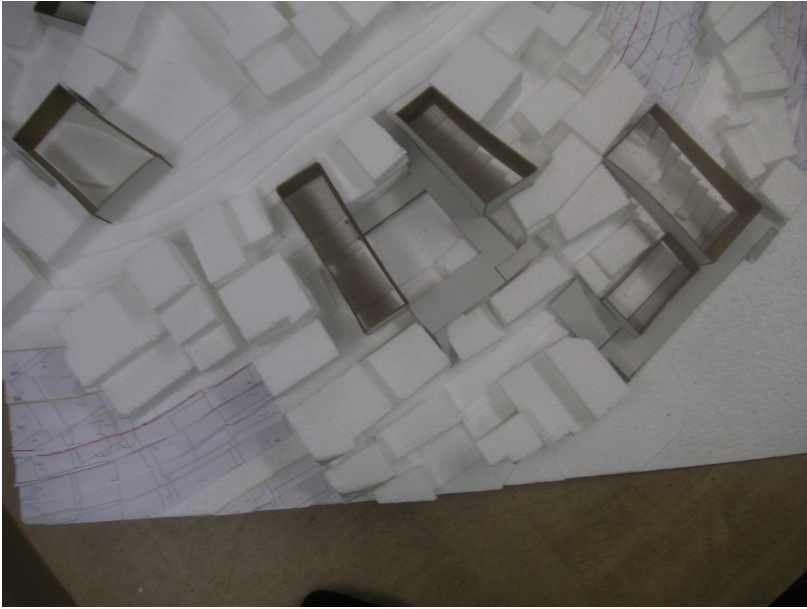


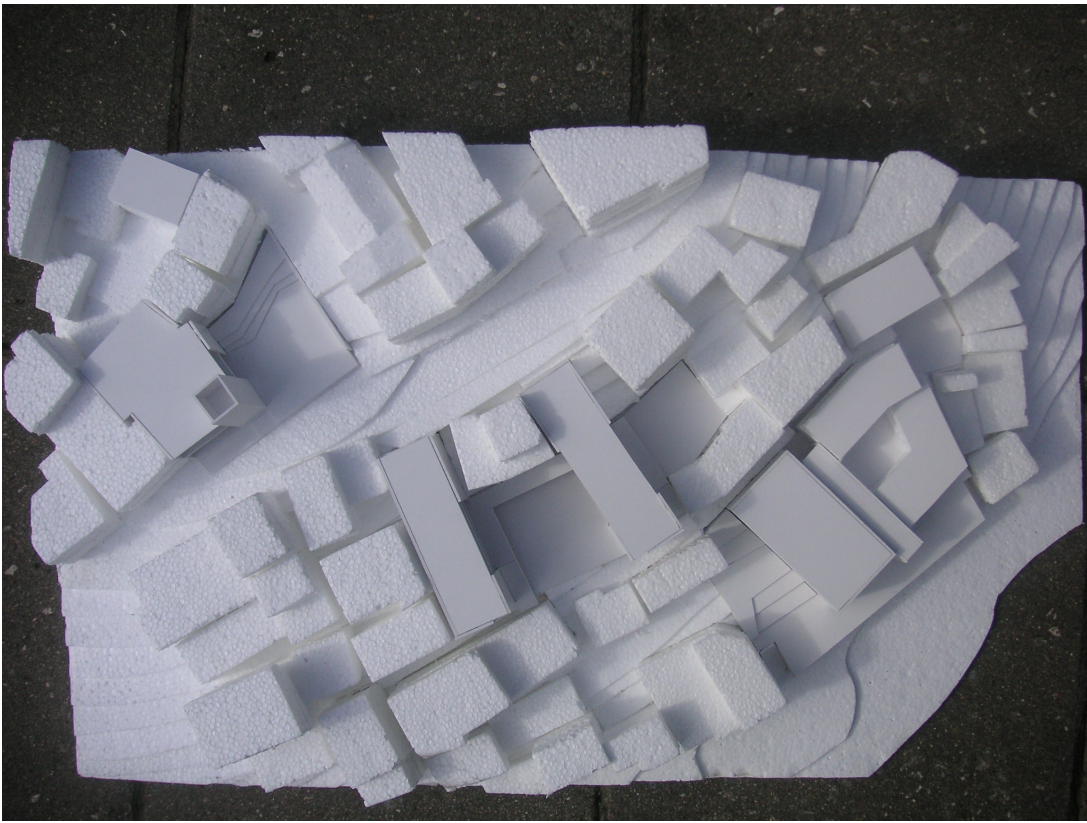
3. Vista a partir do palco, para a sala de espetáculos e para a galeria.

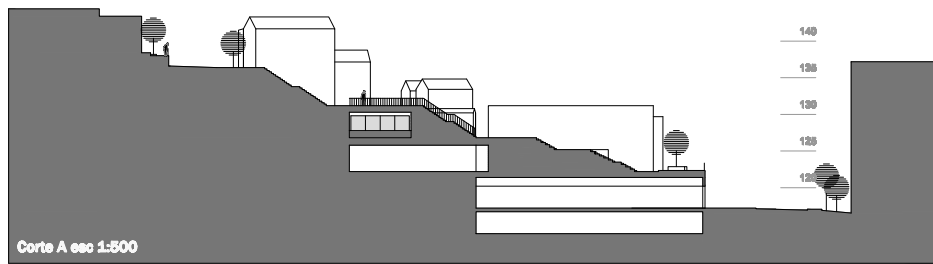
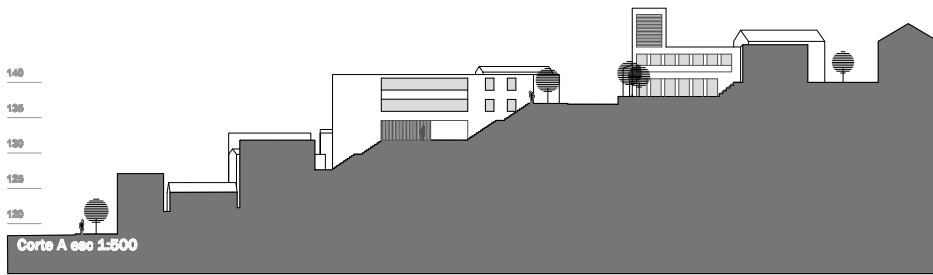
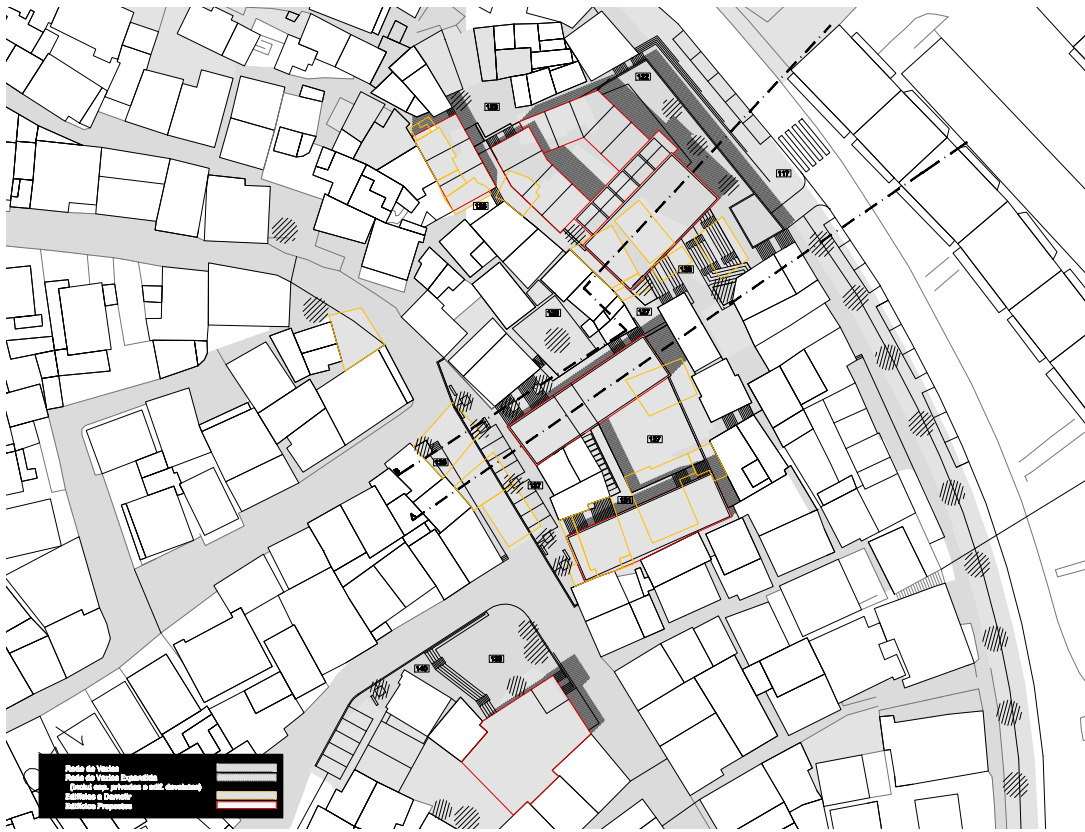


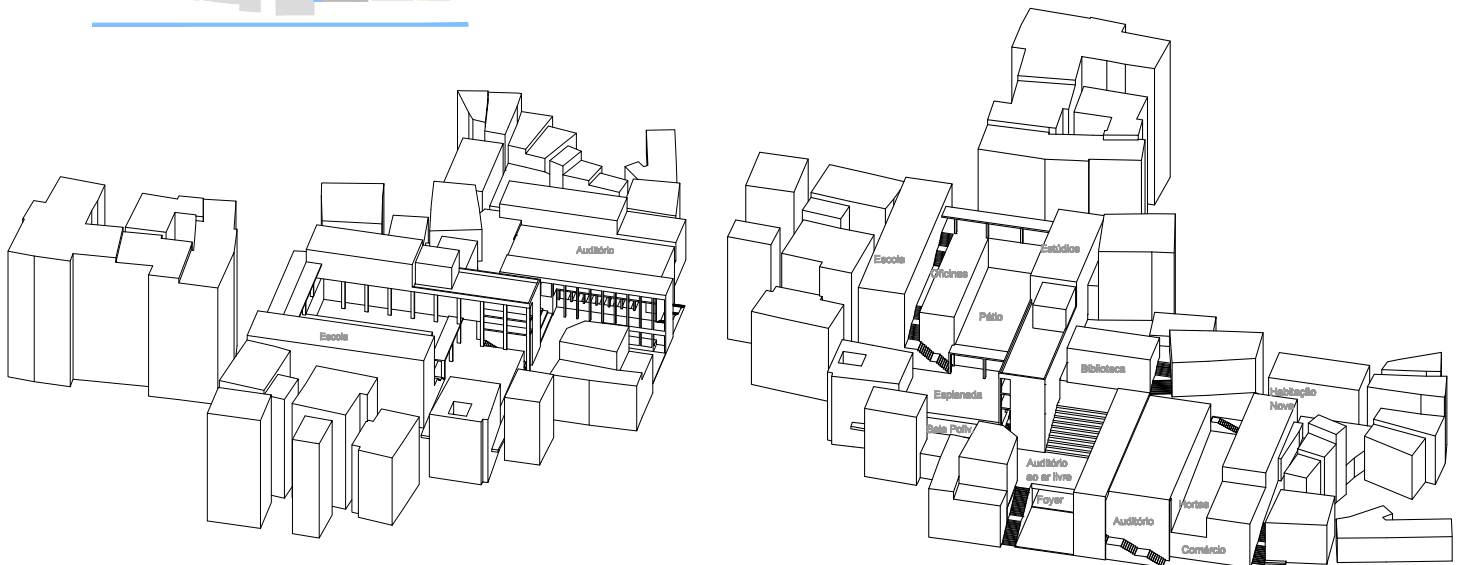
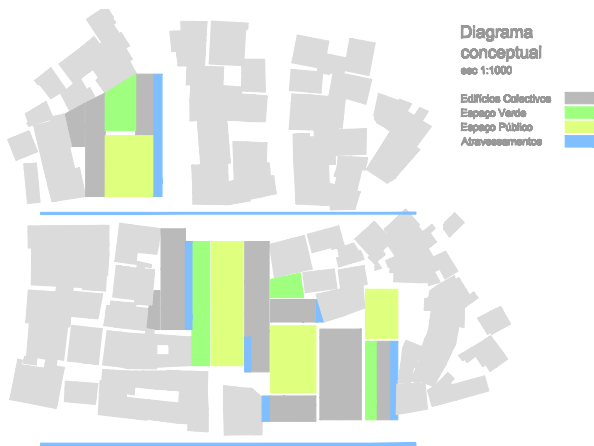
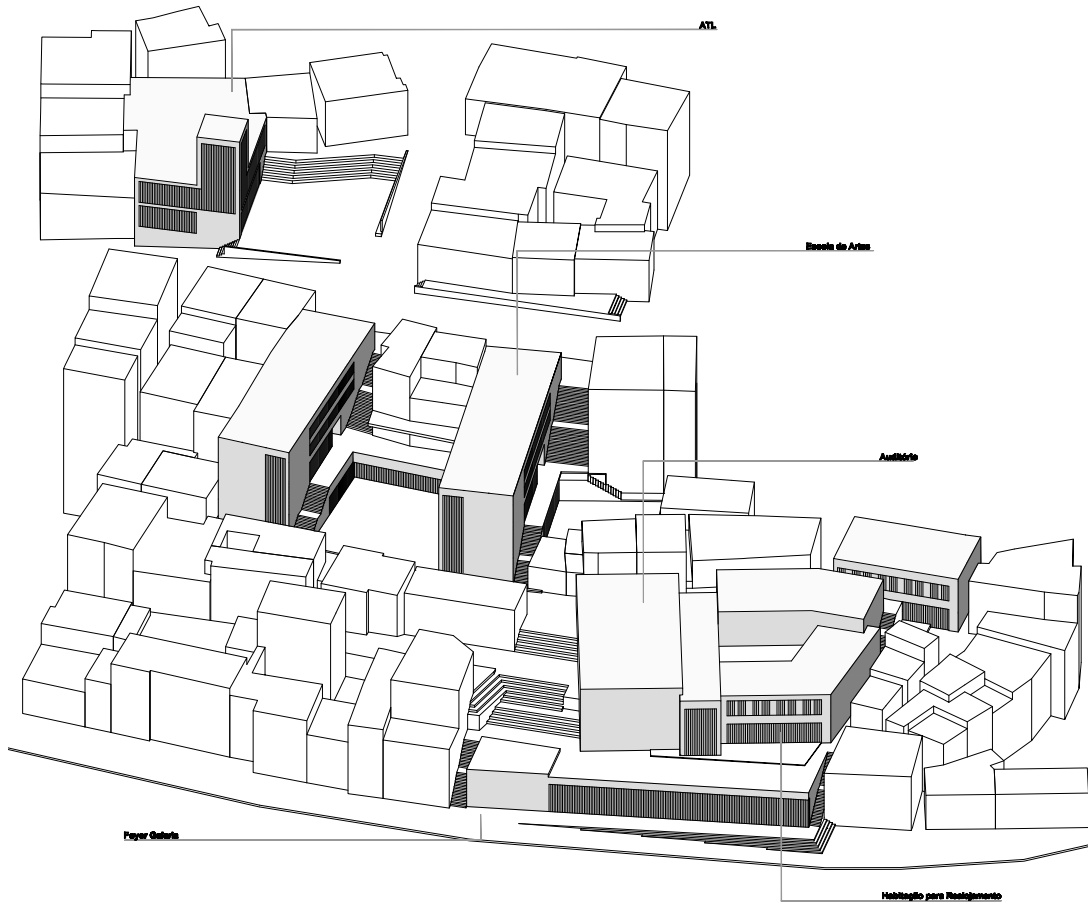
Corte de fachada esc 1:20

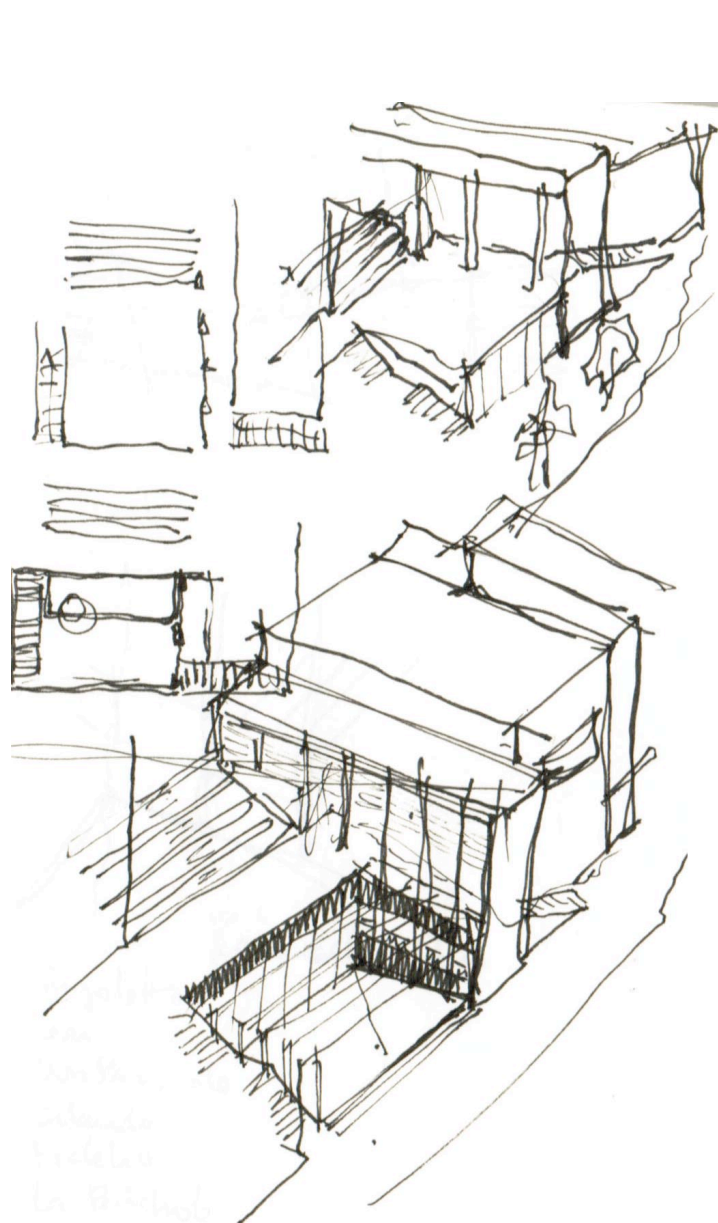
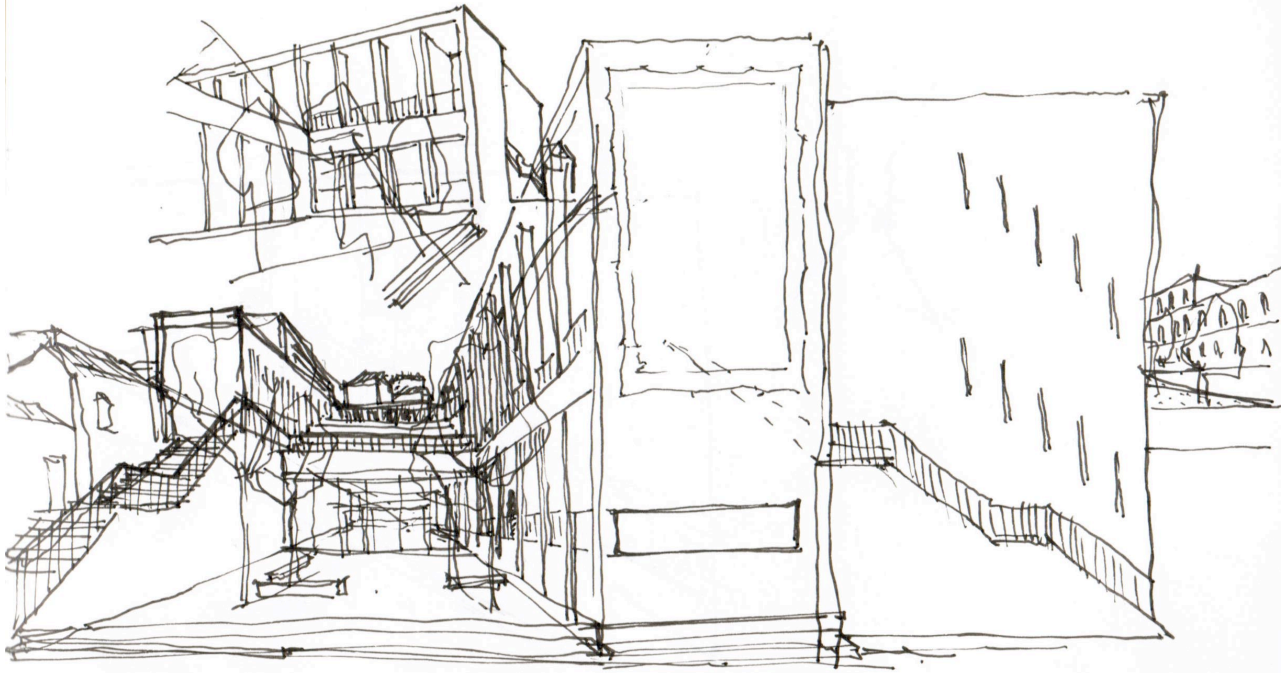
Corte 1:50











CAFÉ - CONCERTO  
EXPOSIÇÕES

